

# ILUSTRAÇÃO



LISBOA, 30 DE JUNHO DE 1931

:: Ano VI ::

A REVISTA PORTUGUESA  
: DE MAIOR TIRAGEM :  
: E EXPANSÃO :

:: N.º 133 ::

# Veja que scena tão interessante! Faça um instantâneo!



Com esta simples fotografia pôde ganhar o grande prémio do Concurso Internacional «Kodak» . . .

para fotografias feitas em Maio, Junho, Julho e Agosto de 1931

**V**EA essa scena?! Pronto!... Faça um instantâneo e envie-o ao Concurso! Não perca, durante estes dias, uma unica oportunidade para fazer fotografias. Uma única pode ganhar vários prémios, cujo valor total atinge Esc. 375.000.000. Uma verdadeira fortuna!

Assuntos simples, são os que deve preferir... interessantes, pois só o interesse influirá na decisão do Júri. A tecnica não é necessária. O Concurso é unicamente entre amadores.

Foram estabelecidas seis classes de fotografias: Crianças, ar livre, desportos, naturezas mortas, arquitectura e interiores, retratos e fotografias de animais. Para estes seis grupos será distribuido um Grande Prémio Nacional de Esc. 10.000.000, seis primeiros prémios de Esc. 1.000.000 e mais 60 prémios num total de Esc. 6.600.000. O Grande Prémio Internacional de 10.000 dolares será disputado entre os primeiros prémios de cada paiz.

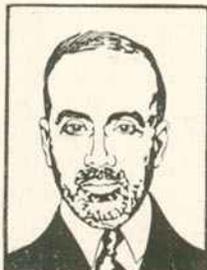
Faça o instantâneo do assunto que preferir, ou de todos que se lhe deparem, e mande-os ao Concurso. Quanto mais mandar, maiores serão as suas probabilidades. Com uma maquina barata, terá as mesmas que aqueles que empreguem material caro e complicado. Não importa que nunca tenha tirado fotografias...

Em todos os estabelecimentos de artigos fotograficos explicarão o fácil manejo de um «Kodak» ou «Brownie», informando, ao mesmo tempo quais as condições do Concurso.

● Aproveite todas as ocasiões que se lhe apresentarem para fazer fotografias, basta uma para triunfar.



A distinta Actriz Portuguesa  
**D. Amélia Rey Colaço**  
faz parte do Júri.



**Dr. José de Figueiredo**  
Ilustre Director do Museu de Arte Antiga, que tambem faz parte do Júri.

● Para segurança no resultado das suas fotografias, empregue sempre a Pelicula «Kodak», na caixa amarela com a inscrição «Kodak-Film» e exija os seus positivos em papel «Vetox».



Pedir a «Kodak L.<sup>da</sup>», Rua Garrett, 33 - Lisboa ou a qualquer revendedor «Kodak», as condições do Concurso  
**CONCURSO INTERNACIONAL «KODAK»**  
para fotografos amadores, 375.000 escudos de premios



**Indanthren**

**Em que se reconhece o artigo  
Indanthren?**

Certamente V. Exa. já reparou que certos tecidos, especialmente os de padrões bonitos e modernos, de algodão, seda artificial e linho, têm uma pequena etiqueta com a marca aqui reproduzida. Estes tecidos são de cores INDANTHREN, o que quer dizer que as cores são de uma

**solidez inexcédida  
à lavagem, ao sol e às intempéries.**

Comprando tecidos com esta marca V. Exa. pode ter a certeza de que as cores nunca largam, nem desbotam, desde que se lhes dê um tratamento razoável. Sempre que um artigo de algodão, seda artificial ou linho tenha a acreditada marca INDANTHREN, fica V. Exa. sabendo que as suas cores são de máxima solidez. Esta marca só pode ser aplicada em tecidos e fios que tenham sido tingidos ou estampados com os conhecidos corantes Indanthren. Todo o abuso desta etiqueta será perseguido.

Faça o favor de perguntar ao seu fornecedor; êle lhe confirmará que não há melhor.



**salva!**

Sofre de perturbações no aparelho digestivo e de incomodos provocados pela prisão de ventre? A sua tez é amarelada e tem, ao despertar, a lingua pastosa e mau halito? Tome de manhã e á noite, num copo d'agua, uma colher das de café de "Sal de Fructa" ENO, -preparado salino efervescente, levemente laxativo, exempto de assucar e sal mineral purgativo.

ENO ajuda a digestão e regularisa o intestino, naturalmente, como o faria a acção benéfica dos fructos bem maduros.

*Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".*

**SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"**

Depositaris em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C<sup>o</sup>. LTD.  
8, Caos do Sodré, LISBOA.

Os doentes com estas afeções podem beber sempre a água preparada com os

**Rins** Cólicas nefríticas X X X  
Albuminúria X X X X  
Lesões X X X X X X X

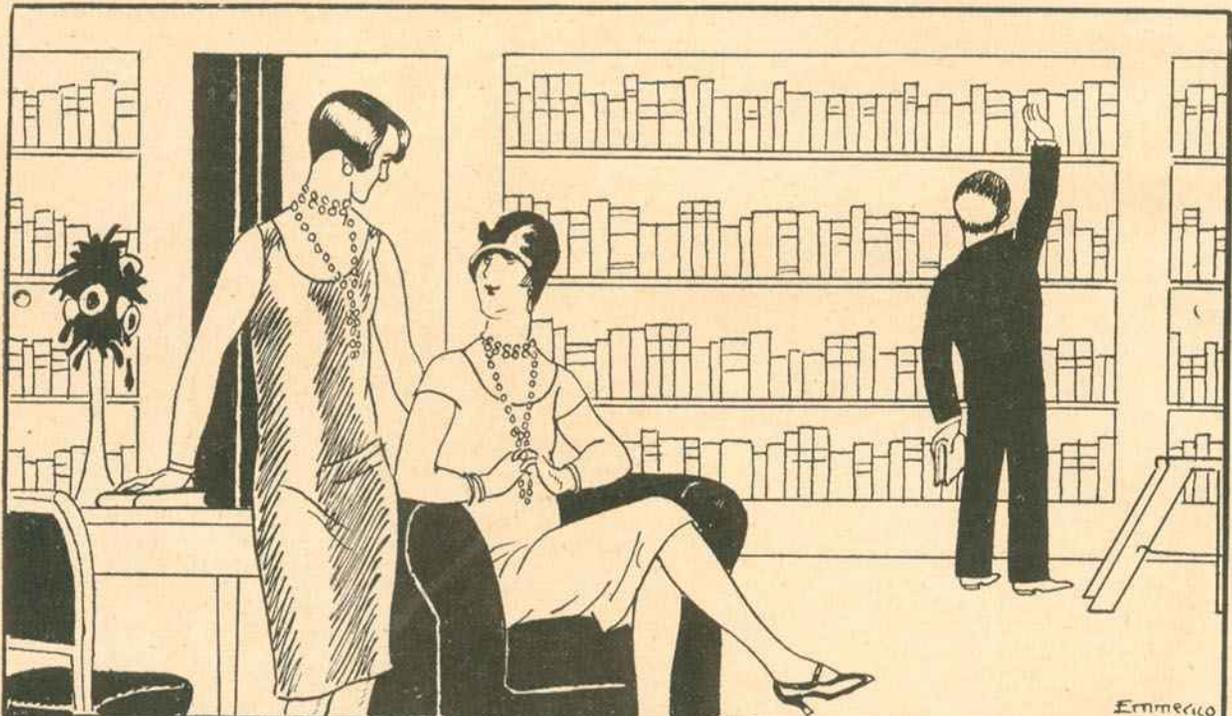
**Figado** Cólicas hepáticas  
Cirrose, Ictericia X  
Congestão X X X X  
Diabétes X X X X

**Bexiga** Retenção X X X X  
Incontinencia X X  
Calculos X X X X  
Cistite, etc. X X X

**LITHINÉS du D'GUSTIN**

que é agradável, alcalina efervescente. É diurética, digestiva, podendo misturar-se com vinho ou xaropes, aos quaes dá um magnifico sabôr.

*À venda nas Farmacias.*



Emmerico

-«De todos estes livros que teu marido tem na Biblioteca, que lêz tu de preferencia?»  
-«O Magazine Bertrand!»

**FLIT**  
O  
CONQUISTADOR



**MATA  
MOSCAS**



**Alegria as  
Crianças**

Dê V. Ex.ª Maizena Duryea em abundância a seus filhos e eles crescerão robustos, de faces rosadas e cheios de saúde.

A Maizena Duryea é um alimento natural e saudável, que as crianças comem com avidez. E são tantos os pratos deliciosos que se podem confeccionar com Maizena Duryea, que jámais cansa o paladar. E também um alimento económico e fácil de preparar.

Permita-nos dizer-lhe como preparar pratos apetitosos com Maizena Duryea, que encantam o paladar das crianças e adultos. Peça V. Ex.ª um exemplar do nosso livro de cozinha, que lhe enviaremos grat<sup>is</sup>. Preencha e envie-nos o coupon abaixo.



**MAIZENA  
DURYEA**

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L<sup>DA</sup> — Rua dos Sapateiros, 115. 2.ª — LISBOA

Gueira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

O FAMÔSO CREME  
PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

*Veja este lindo rosto  
de mulher, e tratado  
com a  
Reine des Crèmes  
Amanhã será  
o vosso Creme*



**REINE DES CRÈMES**

A venda em todas as boas casas de Portugal  
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C<sup>IA</sup> 100 rua Auresa Lisboa

**UM ARGUMENTO  
DE  
PEZO**



NB.-ESTA BALANCA  
ESTÁ LEGALMENTE  
AFERIDA

**Mais de 150 anos**

de justificada fama, garan-  
tem ser a **FARINHA  
DE S. BENTO** um po-  
deroso alimento não só para  
crianças como para pessoas  
de tôdas as idades e, em  
especial, fracas ou idosas.  
Vende-se em todos os bons  
estabelecimentos e no Depô-  
sito Geral: R. DE S. BENTO,  
374 — LISBOA. — Telefone  
Norte 3670

**“EVA”**

- uma linda capa -

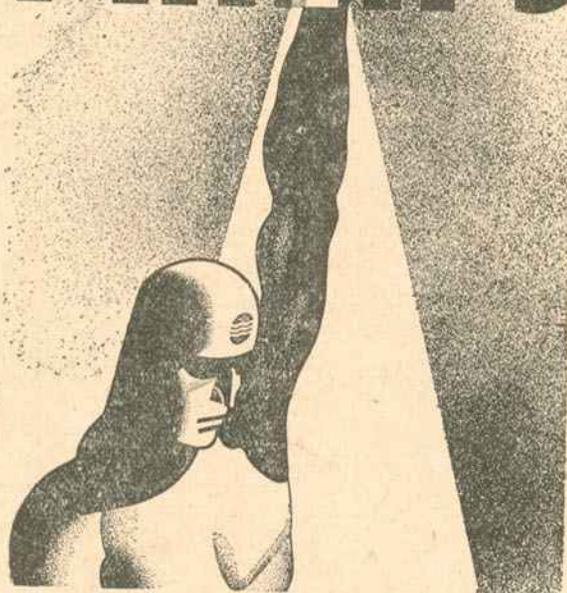
Uma elegante primeira pá-  
gina — Uma sensacional pá-  
gina central — Os mais lin-  
dos figurinos —

Primorosa colaboração literária:

Artigos, Crônicas, Crítica Literária,

Conselhos e alvites, Culinária

# PHILIPS



## MARCA O PONTO MAIS ALTO DA PERFEIÇÃO EM RADIOFONIA

O possuidor de um receptor Philips tem sempre a certeza de que dispõe de um aparelho com o qual pode contar em tudo e por tudo e que lhe dará sempre audições puras e intensas. Um receptor Philips é, por si só, uma garantia.

Com um Para-Raios Philips preservará a sua instalação de todas as descargas electricas da atmosfera.

Peça uma demonstração sem compromisso nem encargos ás casas da especialidade ou a



# PHILIPS

3, Av. da Liberdade  
LISBOA

RADIO

R. da Paz, 32  
PORTO

# 'Allenburys'

Alimento Lacteo



Principie com *Allenburys* N° 1. (Alimento lacteo).

Três meses depois dê-lhe *Allenburys* N° 2. (Alimento lacteo).

Ao fim de 6 meses, mude para *Allenburys* N° 3. (Alimento maltado).

Desta forma dará ao seu bebé o alimento que a Sciencia classifica de mais eficaz para alternar com o leite materno.

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys".

MÃES!

PECAM HOJE MESMO O NOSSO FOLHETO GRATIS.



ALLEN & HANBURYS Ltd., LONDON  
Agentes Exclusivos: Coll Taylor Ltda, Rua dos Douradores 29, 1ª, Lisboa

"Antes prevenir ou curar que sofrer"

# VICHY

reconhecidamente o melhor tratamento para todas as doenças do fígado e estomago e sofrimentos semelhantes

**Epoca: ABRIL-OUTUBRO**

Numerosos hotéis de todas as categorias — Casinos — Teatro — Corridas de cavalos — Golf — Tennis — Polo

Por varios médicos e em todos os grandes hotéis é falado o português

Informações:

SYNDICAT D'INITIATIVE DE VICHY

## NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15\$00

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda húmida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.

Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**  
M.me **Campos** Avenida da Liberdade, 35 LISBOA



O genial romance  
: : de guerra : :

## Os grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. A batalha da Jutlândia e os seus horrores, vistos por um marujo russo

Pedidos desde já à Livraria Bertrand

72, CHIADO, 75 — Lisboa

# GRATUITAMENTE

OFFERECEMOS á escolha dos felizes **1.000 Phonografos** a título de propaganda, aos mil primeiros leitores que encontrarem a solução — exacta do hieroglifo seguinte e se conformarem com as nossas condições —

**CONCURSO L. S. O. P. R. O.**

Substituir os pontos pelas letras que faltam e achar assim o nome de trez cidades

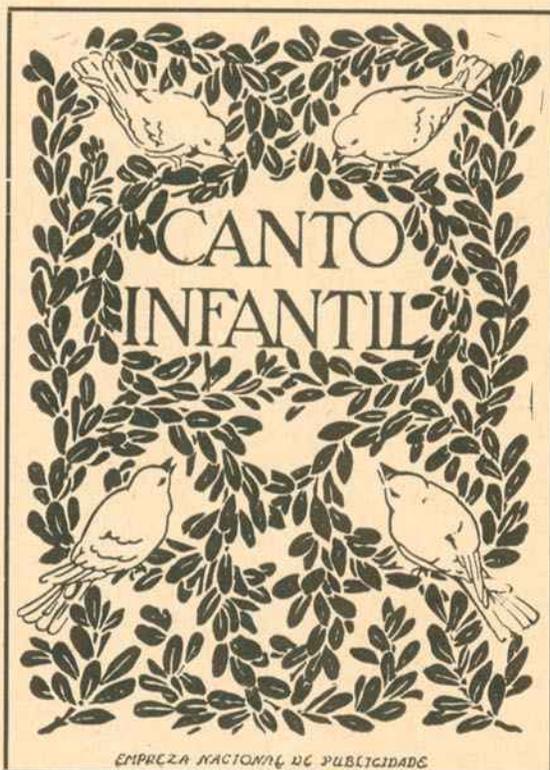
Complete este anuncio e remeta-o aos

Etabl. PALMA (Sevice N.º 3) 99, Boulevard AUGUSTE BLANQUI. PARIS. (VIII)

Juntar um envelope preenchido claramente com o nome e endereço

NOTA — A correspondência para o estrangeiro deve ser franquiada com um selo de 10\$25





## Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

**VERSOS** de Afonso Lopes Vieira  
**MUSICA** de Tomás Borba  
**ILUSTRAÇÕES** de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

**PREÇO: 10\$00**

*A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS*

*Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias*

## Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulveriza-  
ções, etc. —

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens.** —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

**PARA  
VIAGEM  
PRAIA  
SPORT**



— serve particularmente o —

## Vestuario "Bleyle"

por ser comodo, elastico e poroso. Devido ás suas grandes vantagens higienicas, á sua elegancia e ás suas superiores qualidades, este vestuario conquista cada vez mais terreno. O grande sortido em modelos e côres modernas (estas inalteraveis) satisfaz os gostos mais exigentes.

**Agencia Geral: Luiz Thoratier — S. João do Estoril**

— Indicam-se os estabelecimentos que vendem estes artigos —

# Um Clarion

*alia sempre à  
elegancia das  
suas linhas*



*uma  
encantadora  
pureza  
de sons*

*representantes*

**Casa Serras**

*Lisboa  
Rua da Madalena  
109*



## *Os vigorosos de setenta annos*

Bello espectáculo é o de um casal de  
velhos bem conservados e alegres.

Fala-se muitas vezes da idade de: «esses dias aos quaes se não pode voltar». Velhice e sofrimento, são pois inseparaveis?

É certo que em nossos velhos dias expiamos todas as nossas faltas. Mas não é menos certo que uma alimentação racional evita muitos incomodos.

O aparelho digestivo envelhece com o homem; aquelle perde a sua elasticidade e não assimila os alimentos d'uma maneira tão completa como na mocidade.

Conclusão? Ter uma alimentação que seja ao mesmo tempo de grande valor nutritivo e de facil digestão.

E é justamente aqui que a Ovomaltine está particularmente indicada. A Ovomaltine não é outra coisa que a concentração dos valores nutritivos dos alimentos mais substanciaes: o leite, o extracto de malte, os ovos e o cacau. Uma chavena d'Ovomaltine é mais nutritiva que doze chavenas de caldo.

A Ovomaltine é tolerada pelos estomagos mais debéis que a assimilam proveitosamente. É uma verdadeira fonte d'energia para a velhice e para os que d'ella se acercam.

Uma chavena d'Ovomaltine, de manhã ao primeiro almoço, preserva dos incomodos da idade.



A **OVOMALTINE**

é a saúde

À venda em todas as pharmacias e drogarias

Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correios, 41-2º

Lisboa



# ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 133

30 de Junho de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva

Director: João de Sousa Fonseca

Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA ANCHIETA, 77, 1.º —

Telef. 2 0535 . . . Composição e impressão:

RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 . . .

Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO

DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 . . . Publi-

cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 . . .

Propriedade e edição de Aillaud, Ltd. e Em-

preza Nacional de Publicidade — LISBOA.

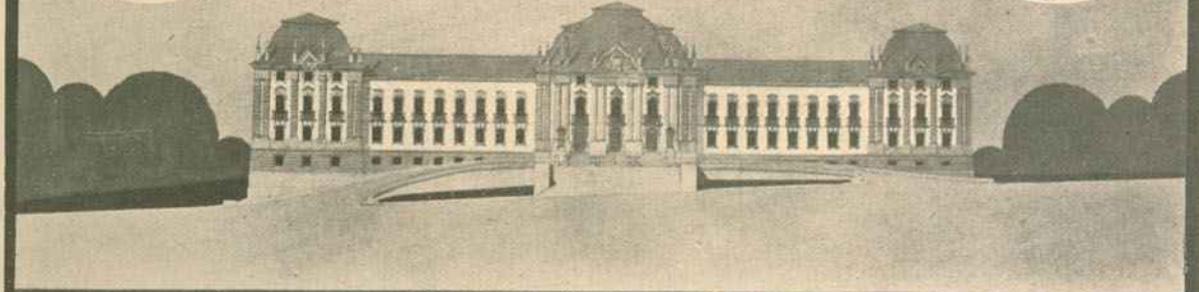


## NOS BASTIDORES DA T. S. F.

As grandes individualidades têm, também, os seus momentos de suave familiaridade, tão vulgar como a dos mais vulgares mortais. Vêjam na nossa foto, o mago da vida moderna, o senador Gui-therme Marconi, o genial criador da T. S. F. moderna, fotografado no porto de Génova, a bordo do seu liate *Eletra*, com sua esposa, a marquesa Maria Cristina e a sua filhinha mais nova.

## O CONCURSO PARA O PROJECTO ARQUITECTÓNICO DO NOVO PALACIO DA AGRICULTURA

REPRODUCIMOS hoje, neste lugar de honra da nossa revista, formosíssimo projecto devido aos architectos Paulino Monteiro (no medalhão da esquerda) e Eugénio Correia (no medalhão da direita), e que, contra a expectativa geral de artistas e amadores de arte, obteve apenas o segundo prémio. *Ilustração* presta as suas homenagens aos talentosos artistas portugueses pelo seu magnífico trabalho.



PROJECTO DO PALACIO DA AGRICULTURA A CONSTRUIR EM LISBOA

## Uma Excentrici- dade Yankee

O que representará este enxame de lindas banhistas saindo da cabina dum aeroplano? Nada menos do que as empregadas de um grande armazem de São Francisco a quem o patrão, desejando que, para fama da casa, conservem beleza e juventude, envia de aeroplano, todos os «fins de semana», para uma das praias da Califórnia do Sul, onde folgam e pulam à vontade nos seus *maillots* ultra-reduzidos.

(Foto Orrios)



## Miss Universo para 1931

— Sete belezas europeias chegam a Nova York. Quem são? Pois muito simplesmente, da esquerda para a direita: Inga Norberg (Miss Suécia), Daisy Freiberg (Miss Alemanha), Gerd Johansen (Miss Noruega), Lucienne Nahmias (Miss France), Karen Schents (Miss Dinamarca), Inez Monlassa (Miss Austria) e Netta Duchateau (Miss Bélgica). Dirigem-se a Galveston, disputam o título de Beleza mundial e... ganha-o, justamente, Miss Bélgica.

(Foto Orrios)

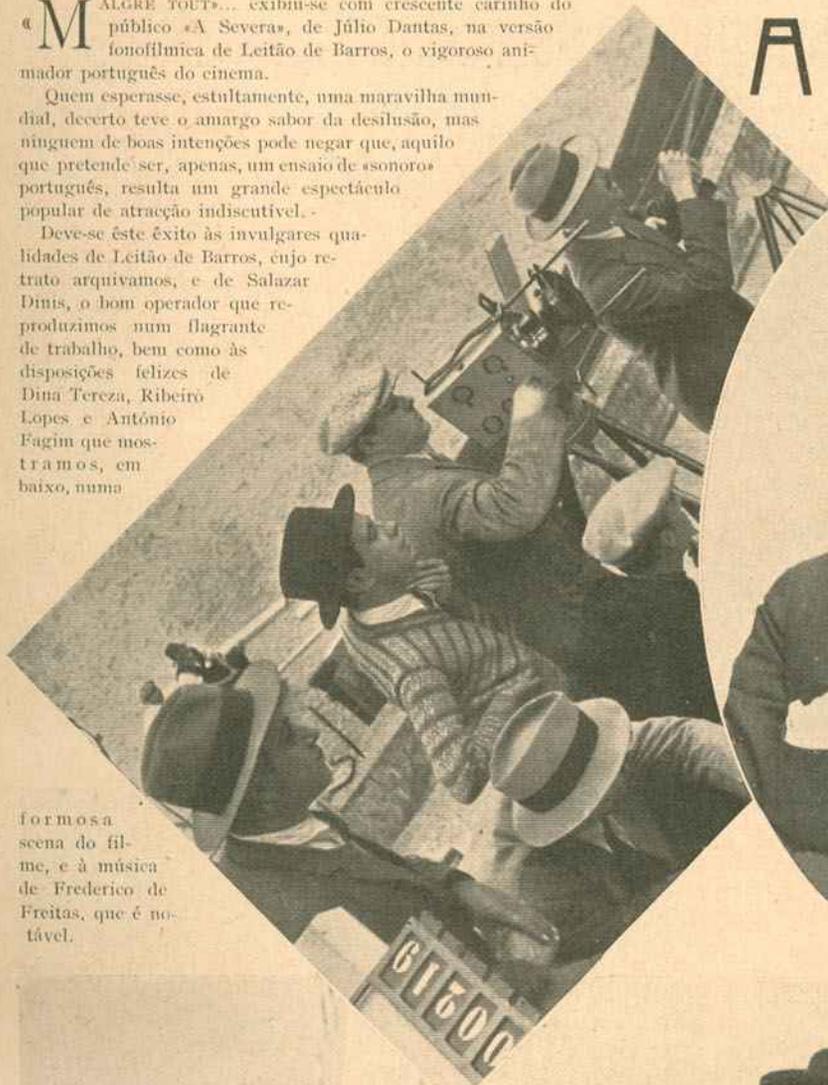


«M ALGRÉ TOUT»... exibiu-se com crescente carinho do público «A Severa», de Júlio Dantas, na versão fonofilmica de Leitão de Barros, o vigoroso animador português do cinema.

Quem esperasse, estultamente, numa maravilha mundial, decerto teve o amargo sabor da desilusão, mas ninguém de boas intenções pode negar que, aquilo que pretende ser, apenas, um ensaio de «sonoro» português, resulta um grande espectáculo popular de atracção indiscutível.

Deve-se este êxito às invulgares qualidades de Leitão de Barros, cujo retrato arquivamos, e de Salazar Dimis, o bom operador que reproduzimos num flagrante de trabalho, bem como às disposições felizes de Dina Tereza, Ribeiro Lopes, e António Fagim que mostramos, em baixo, numa

# A SEVERA



formosa scena do filme, e à música de Frederico de Freitas, que é notável.

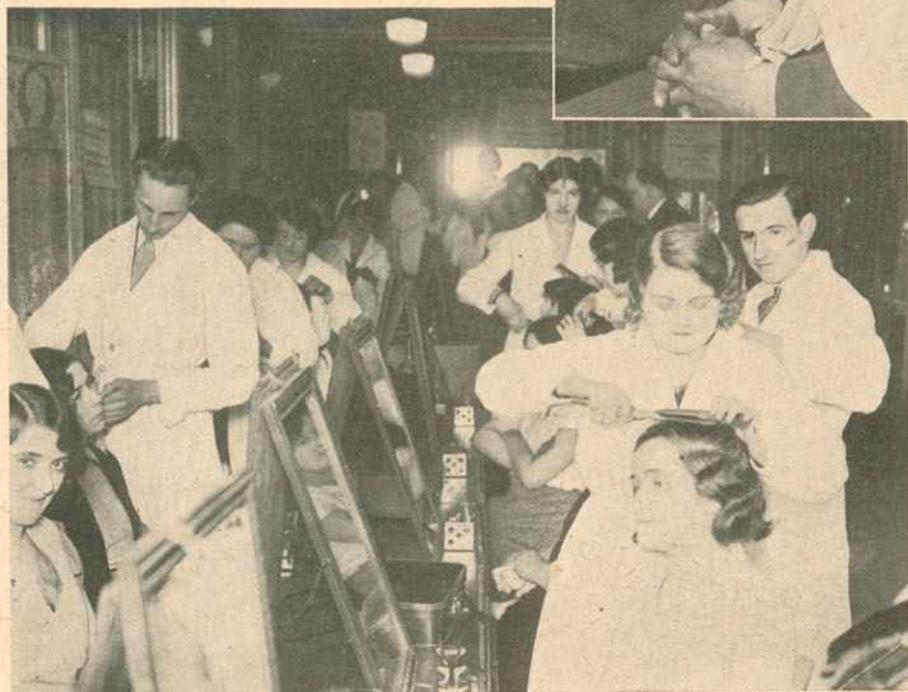
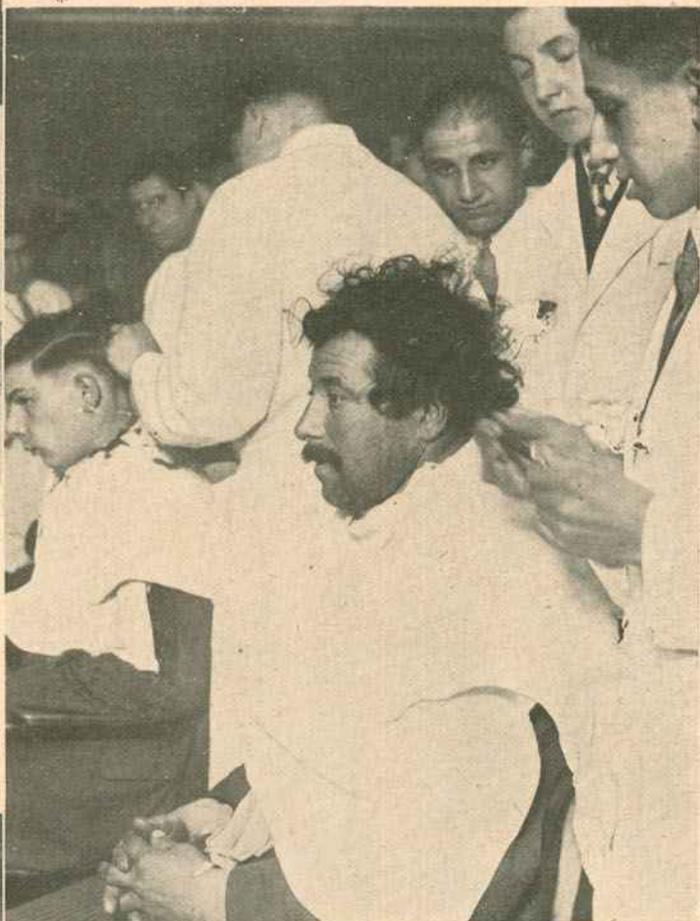




A França acaba de resolver um delicado problema operário: o da aprendizagem de barbeiro e cabeleireiro. Os experimentadores terão, de ora avante, pacientes voluntários. Eis um gadelhudo candidato à torquia lendo o edital convocatório...



EM BAIXO — Ondulando... de graça. As raparigas pobres de Paris prestam-se, de boa vontade, a servir de modelos de experimentação, a troco duma possível ondulação grátis...



Acabou o abuso de se apear um praticante de rapa-queixos ou de cabeleireiro ao frequentar inexperiente e desprevenido que se senta com intenção de pagar para que o sirvam e não de pagar para servir os outros na qualidade de *cobaia* destes laboratórios. Acabou-se o abuso. Agora, os mestres de acortes e raios convocam os senhores vagabundos e nas abundantes e intensas ganforinas destes pacientes é que se exerce a aprendizagem. Pode o cabelo ficar pouco elegante, a barba mal esanhada, um golpesito ou outro nas orelhas... Deixá-lo, o vagabundo não paxou e o aprendiz praticou. *Et tout le monde est content...*

(Fotos Orlos)



NOVO  
EMBAIXADOR  
DE  
ESPANHA



A República Espanhola enviou a Portugal o seu primeiro Embaixador. Recebui a nomeação numa personalidade altamente prestigiosa, grande conhecedor dos problemas económicos peninsulares e sincero amigo de Portugal, o sr. dr. Juan José Rocha.

O novo diplomata, de cujas gestões e fino senso diplomático, há a esperar as melhores relações culturais e económicas entre os dois países, já tomou posse do seu alto cargo, tendo apresentado ao sr. general Carmona as suas credenciais e com elle trocado affectuosos discursos que vão além do rígido protocolo.

As nossas fotos representam: Em cima — O sr. dr. Juan José Rocha com o alto pessoal da Embaixada e os chefes do protocolo da Presidência, após a entrevista com o sr. general Carmona. A esquerda, o



novo Embaixador de Espanha ao sair da carruagem no Palácio de Belem e à direita, o sr. Encarregado de Negócios de Espanha apeando-se também à porta do palácio Presidencial, antes da entrega de credenciais.



■■■  
Solenidades  
religiosas

Por motivo das festas Antonianas, os fiéis de Lisboa promoveram uma luzida e devota peregrinação a Santo António na monumental Basílica da Estréla, cerimónia que foi assistida por muitas pessoas altamente representativas.

(Fotos Horácio de Novais)



No avião — Paul Doumer, o novo presidente da República Francesa, após ter tomado os poderes do Estado, foi reunir a chama da Pátria no Túmulo do Soldado Desconhecido, sob o Arco do Triunfo

EM SAIXO — A primeira cerimônia oficial do novo presidente. Paul Doumer dirigiu-se à Casa da Câmara de Paris para cumprimentar o Conselho Municipal. Ao sorriso de Doumergue sucede a pose um pouco fora de propósito do rígido Doumer

NO OVAL EM SAIXO — Uma foto curiosa. Gaston Doumergue, já simples particular, despede-se, sorridente, dos amigos, a caminho de Tourneville, onde o espera a senhora Doumergue

(Foto Orrios)



A senhora Keith Miller, a aviadora inglesa que voou até à Austrália, lançou desafio às americanas Roth Nichols, recordistas da altitude, e Laura Ingalls para uma travessia dupla do Atlântico, nos dois sentidos, com o mesmo avião

(Foto Orrios)



MARQUEZ DE LOZOYA

Ilustre professor da Universidade de Valência e uma das mais notáveis figuras da vida intelectual de Espanha, que recentemente publicou a importante obra *História del Arte Hispánico*, onde a arte portuguesa, pela primeira vez, é tratada com honra e justiça

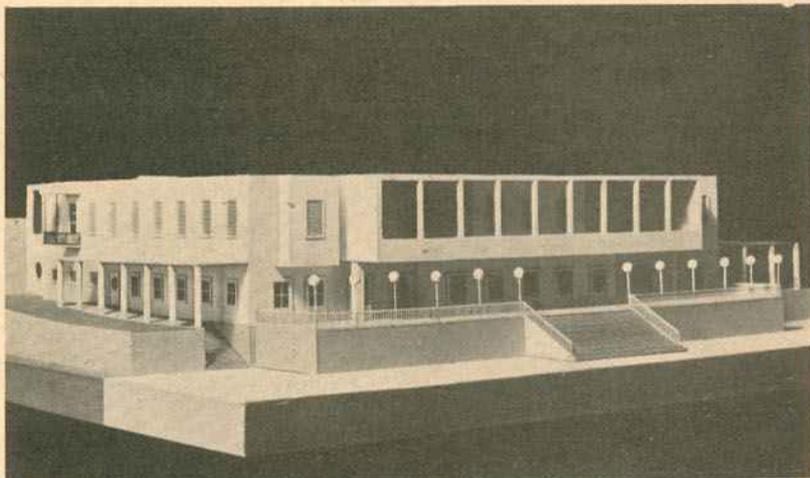


**VEJAM!...**

**UMA REVOLUÇÃO  
DE CIMA A BAIXO**

O caso mais curioso na política moderna é, sem dúvida, o carácter da ditadura turca de Mustaphá Kemal. Do país mais retrógrado dos Balkans fez o ditador a nação mais audaciosa de modernismo da Europa oriental. De cima a baixo!... É bem o que se está fazendo. Vejam, à direita, como vai ser o palácio do ditador, em plena Turquia. É uma revolução arquitectónica de que é construtor Clemens Holzmeister, professor da Academia de Viena.

(Foto: Otrios)



**PAZ ARMADA**

O que é este oceano de gente arregimentada?... Querem sabê-lo?... Pois é simplesmente, uma parada *parcial* dos nacionalistas hitlerianos alemães, de Breslau, e que depõe eloquentemente em favor das boas intenções pacifistas dos seus dirigentes.

(Foto: Otrios)

**ATLETAS NEGROS**

Que belo e forte quadro este, dos atletas negros, verdadeiras estátuas de ébano, executando exercícios de conjunto na Exposição Colonial de Paris!... Sob o aspecto físico, quanto a força, energia e saúde, fazem inveja aos brancos, estes simpáticos sudaneses.

(Foto: Otrios)



## RAINHA DAS COSTU- REIRAS

No Palácio de Cristal, do Porto, celebrou-se a Rainha das Costureiras para 1931. Foi a cerimônia da coroação feita pela rainha de 1930. Ao fundo, o júri de artistas e escritores

(Foto Álvaro Martins)

## UM GRANDE CAVA- LEIRO

No oval reproduzimos um grande salto do «Whisky», montado pelo tenente Mena e Silva, ganhando o Grande Prêmio de Madrid, galardão que só dois cavaleiros estrangeiros conseguiram até hoje



## BAN- QUETE DE HOMENAGEM

Os provedores da Santa Casa da Misericórdia do Porto ofereceram, no Palácio de Cristal, um grande banquete de homenagem às grandes qualidades eficas e morais do seu presidente, o venerando republicano Dr. António Luís Gomes

(Foto Álvaro Martins)





TICIANO — BELA

DA TERRA DOS PRETOS

O LUTO...

NESTA terra que Deus Nosso Senhor criou, talvez para flagelo dos brancos, há coisa engraçadíssimas, duma *piquice* sem nome. Se não se vissem não se acreditavam—ainda descritas pela pessoa mais íntima.

Que coisas se passam neste solo, santo Deus que nos estais ouvindo!...

Vem isto a propósito do modo como os pretos guardam o luto quando lhes morre alguém da família.

Coitados!... Que ingénua gente!...

Como se sabe, é mesmo da pragmática social, o luto, em qualquer país civilizado, é manifestado pelo trajar de preto, com mais ou menos decência, segundo a família a quem o finado pertencia. Na África, porém, o indígena como se preocupa pouco com o vestuário, pois alguns dêles, ou quasi todos, gastam do alfaiate do nosso velho papá Adão, ou da costureira da nossa querida e saudosa morta mamã Eva, julgando que a côr que têm ainda não é suficiente para um luto pesadíssimo e

permanente, mocim carvão e sujam o rosto como preto de homenagem ao familiar finado. Fazem lembrar as crianças por ocasião do carnaval na Metrôpole.

Como é simples o preto!...

Se na Europa se observasse um caso destes era motivo para troça, para certa hilariedade. Aqui, porém, na África, não se importam. O preto atravessa as ruas das cidades ou povoados, nesse belo aspecto, muito senhor de que vai a cumprir um sagrado dever; e os brancos, quer naturais, quer metropolitanos, olham para tudo isto com um indiferentismo incalculável, como se nada fôsse. Bem se diz: «Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso».

Quando tal observámos benzemo-nos com a mão esquerda por causa do bruxedo!... Não queríamos crer que o gentio enfarruscasse o rosto, já de si preto que nem uma dessas noites da Metrôpole em que a lua se zanga com

os habitantes da terra e não lhes aparece para os beijar, como testemunha de luto. Mas um amigo nosso, colonial de larga data, como notasse a incredulidade em que ficávamos, chamou uma preta fula (algumas tão lindas que até o bom do Tamturgo as beijava sem reboço de pecar) que ia no rancho e interrogou-a:

—Quem te morreu?

—Foi *minha cunhá, síô*.

Ante esta resposta tão franca, a dúvida dissipou-se-nos, assaltando-nos a mente apenas um pensamento:—Como esta gente é feliz. E pensamos que era feliz, porque aquilo que aos outros parece mal é para os pretos uma coisa sagrada.

Se alguém houvesse na Metrôpole que, fora do Carnaval, pintasse a cara de preto ou era tomado por tólo, ou corido à batata. Aqui nesta terra é a prova de sentimento pelos que passam, pelos que lhes são caros.

E de facto, apenas uns momentos se passavam sobre aquele curto diálogo, vimos atra-

Um grupo de pretos de luto



vessar por uma das ruas próximas, um cortejo de pretalhada, de ambos os sexos, atrás de um caixão que quatro negros, piores que torgas de carvão, conduziam a caminho do cemitério.

Nós já conhecíamos, por assim o termos lido, muitas ingenuidades dos pretos e que seriam verdadeiras palhaçadas entre um povo civilizado, quando de algum mortuário. Agora o modo adoptado no luto, essa foi a primeira vez.

O preto, embora seja considerado um animal racional como todo o homem, demonstra por vezes, e na sua maioria, não ter raciocínio ou noção do que faz, — embora os tratadistas da psicologia universal o considerem com o raciocínio relativo à raça; pois se assim não fôsse não praticava as deshumanidades, as entrudadas ridículas que por vezes pratica.

Mas como o velho amigo e colono notasse a nossa espantação por estes costumes, contou-nos um caso mais engraçado ainda, se é certo que muito bárbaro, o que há de mais deshumano, e que no antigo regime se passava no Cuanhama. Ei-lo:

Quando sua magestade a Rainha da raça negra, estava doente, prestes a ir apresentar

as suas contas a Deus, ou algum dos seus Sobas (!) eram sorteados os moleques que os tinham de acompanhar nessa espinhosa viagem que tem por fim levar-nos ao descanso eterno. Se era Sua Magestade, recaía a sorte numa rapariga, se era algum dos Sobas, num rapaz. O moleque ou a *omocainto* (?) sorteados eram lançados vivos à cova, juntamente com o cadáver e cobertos de terra, depois das cerimónias batucais e outros folguedos e do maior assistente ter recomendado à vítima da usança: — *Que para cumprir tôdas as ordens que o defunto lhe desse.*

Julgavam os negros do Cuanhama que não morriam, mas sim apenas adormeciam, indo depois, quando acordassem, viver para outra terra, necessitando por isso de um criado para os servir e acompanhar não fôsse o morto enganar-se no caminho e deambular até à Metrópole onde ficaria, talvez, preso por invadir um solo que nunca lhe pertenceu.

Ora francamente!... Esta nem ao diabo lembra. Enterrar-se uma pessoa em vida para ir servir de criado dum morto, só em África.

(!) Os Sobas, para os pretos, são o mesmo que governadores de distrito.

(?) Rapariga.

Que horror o infeliz sentenciado havia de sofrer ao ver-se coberto de terra?!... Sufa!... Mas era usança e como «tudo que é uso faz lei», as vítimas lá iam roendo êsse bocado tão amargo de passar.

Foi talvez por causa disso que S. Pedro pediu a Deus Nosso Senhor para lhe dar as chaves das portas do Céu, mas só do lado da Europa, pois as da África disse para as entregar ao diabo, não só pela côr dos seus habitantes e calidez do solo, por vezes mais cáustica que um forno crematório, mas também para não lhe mandarem para lá gente antes do tempo, o que lhe causaria embaraço na escrita, como lhe sucedeu, no dizer do finado médico bracarense, Marques Coelho, quando do tifo exantemático, na cidade dos arcebispos.

Como são os costumes de África, santo Deus!...

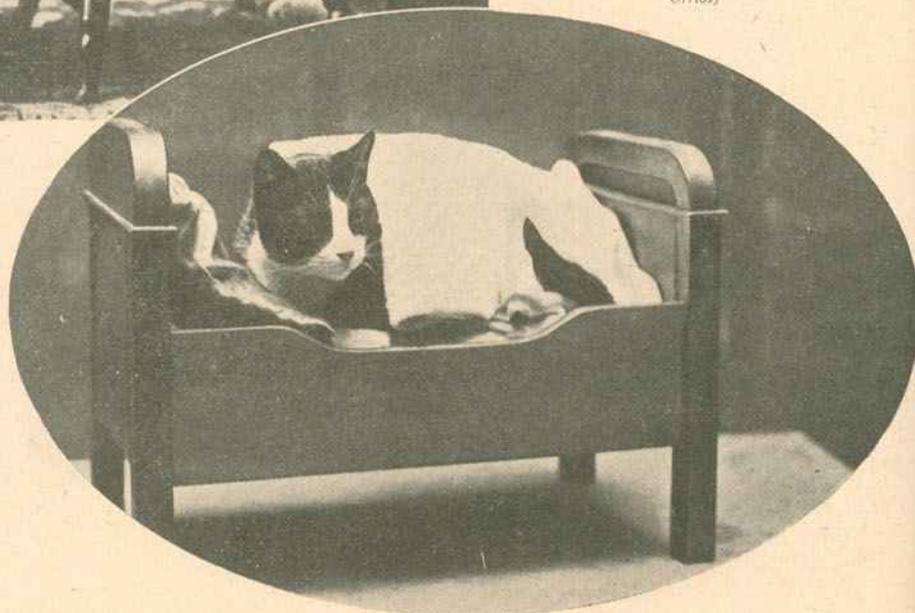
Sá da Bandeira, 1931.

ZARCO DE ALMEIRIM.

NOTA: — Terras lá, também, em que o preto suja a cara com carvão, não por morte de família, mas somente para lhe passarem as dôres de cabeça que no dizer do gentio saem com êsse medicamento. Mas se isto fôsse receita, não tínhamos um só carroeiro ou ferreiro na Metrópole que soffresse da caixa craneana, pois na sua maioria só lavam a cara de oito em oito dias e é quando o fazem.



Os gatos, êsses endiabrados bichos coleantes e velhacos, amigos de poetas e de artistas, tem os seus pintores e os seus poetas. Steinheil desenhou gatos como ninguém e o nosso grande Tagarro também os desenha com espírito subtil. Rafael Bordalo amava os gatos e Fialho os descreveu com o seu génio tão especialmente próprio à contemplação e à compreensão de tam elegantes felinos. Até a anónima Maria Cachucha da canção rabelaisiana tinha um bichano, parente talvez daqueloutro da velha do epigrama que tinha um gato e debaixo da cama o tinha. Tem, portanto, amigos, o gato. E tem fotógrafos especialistas!... Não sabiam?... Pois é assim mesmo! E senão, vejam as duas fotos que aqui, junto, inserimos. Cabe mais flagráncia, maior graciosidade na inconfidência da vida pública e privada dos *renhaunhaus*?...



TARÉCOS  
E  
MINHÁUS

(Fotos  
Orriat)



# CO LUM BO FI LIA



A Federação Columbófila de Portugal organizou um lançamento de pombos correios em Madrid. A capital da República Espanhola viu um espectáculo para ella inédito, no Páseo de Rosales, e que a nossa foto de cima reproduz



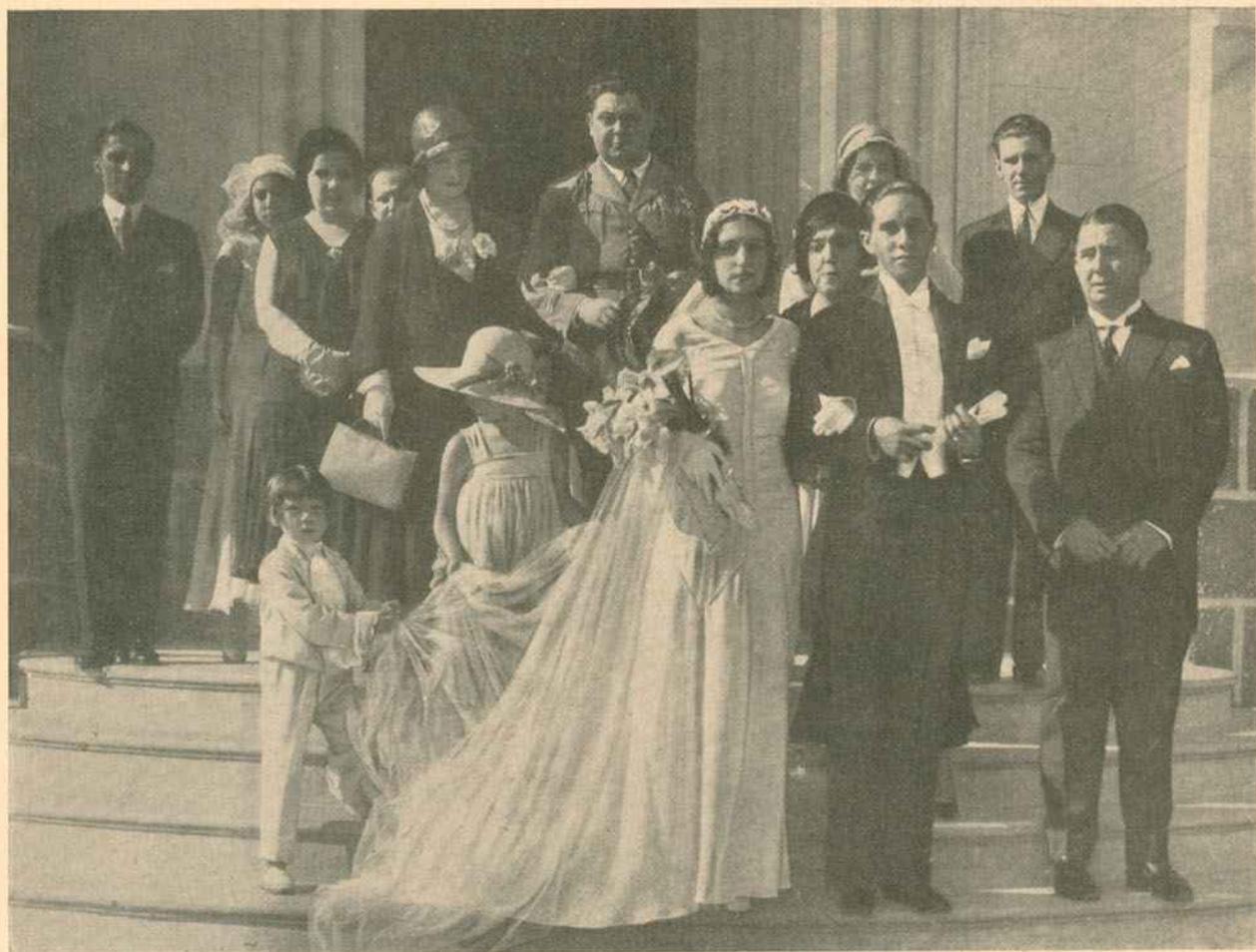
No oval — As caixas de pombos correios, em pleno «Páseo de Rosales», de Madrid, rodeadas pelo público curioso, momentos antes da lida largada



EM BAIXO — O general Vives, presidente da Sociedade Columbófila Espanhola, António Rodrigues Pereira, José Lopes Ferreira, Alvaro Barbosa Caminha e Carlos Dias Cunha Barbosa, da Sociedade Columbófila do Norte de Portugal, o coronel de engenharia espanhola D. Leopoldo Gimenez, capitão Gallego e tenente Gallego, uns momentos antes de largar os 1.000 pombos correios no «Páseo de Rosales»

(Fotos Orríos)





## CASAMEN- TOS Nas nossas

EM CIMA: — Casamento do nosso amigo sr. Mário de Sousa Costa, filho dos insignes escritores D. Emilia de Sousa Costa e dr. Sousa Costa, com a ilustre sr.ª D. Maria Alice Gariso do Carmo, filha da sr.ª D. Isaura Gariso do Carmo e Jaime Afonso do Carmo. Este casamento realizou-se, com grande pompa, na Beira, Africa Oriental Portuguesa, pois o nosso amigo Mário de Sousa Costa é ali empregado da Companhia de Moçambique.

Os noivos saindo da igreja.



## ELEGAN- TES colonias

EM BAIXO: — Casamento realizado em Lourenço Marques em 4 de Maio de 1931, da gentil sr.ª D. Lucie Castoriano, filha da Ex.ª sr.ª D. Fortuné Castoriano e Haim Castoriano, residentes em Constantinopla, com o sr. Armando Cohen, filho do Ex.ª sr. Marco Cohen e da Ex.ª sr.ª D. Sara Cohen, residentes nesta cidade.

Foram padrinhos por parte da noiva o Ex.ª sr. Marcus Hurwitz esposa, e por parte do noivo seus pais, sendo a cerimónia insidíssima. Os noivos após o enlace.



# MOTORES

## Quem foi o verdadeiro inventor da hélice propulsora?...

CONFORME um artigo da revista *Aeronautique Tchecoslovaque*, foi o tcheco José Ressel, como se vê de documentos históricos existentes no Museu Técnico Tchecoslovaco, de Praga, o inventor da hélice propulsora — se bem que tal invento ande erradamente atribuído a outrem.

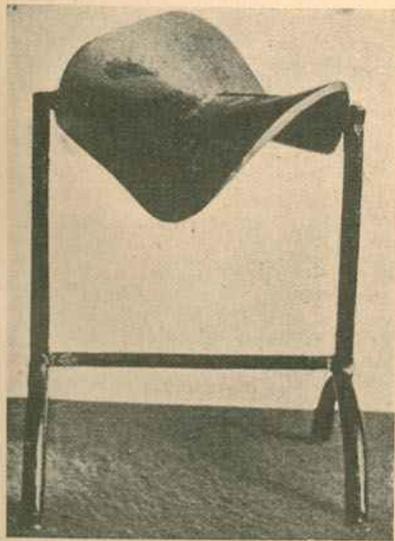
Ressel nasceu em Chrudim (Boémia Oriental), em 1793.

Já em 1812 J. Ressel tinha a ideia da hélice propulsiva; mas só em 1826 pôde realizar em Trieste os primeiros ensaios com um pequeno barco munido de hélice.

Em 1827 tirou patente da sua invenção, mas a policia austriaca proibiu-lhe a conti-



Um retrato da época de Joseph Ressel



O modelo original da hélice de Ressel de 1826

nuação das suas experiências, para que o espírito humano não fôsse perturbado no seu repouso com ideias novas...

Em vão procurou Ressel no estrangeiro capital para a exploração prática da sua descoberta; e, abandonado de todos e enganado, viu em 1840 chegar ao porto de Trieste um barco a vapor com hélice — a sua própria invenção, mas sob o nome de outro.

O construtor d'êste barco era o inglês Cummerow, a quem um dos antigos colaboradores de Ressel tinha comunicado o invento do infeliz tcheco.

Desiludido e triste, José Ressel morreu em 10 de Outubro de 1857.

Quem, segundo a voz corrente no mundo,

primeiro applicou o principio da hélice propulsora a navios, foi Frederic Sauvage, e em sua honra vão efectuar-se grandes e espantosas festas, de 29 de Agosto a 6 de Setembro, no porto de Boulogne-Sur-Mer.

Entretanto, Joseph Ressel, o ignorado tcheco, está no esquecimento. A imprensa tcheca, porém, vai intentar um grande movimento de opinião para honrar a sua memória e para obter da França que, no decurso das festas de Boulogne-Sur-Mer, o nome do desditoso Ressel seja honrado como o inventor verdadeiro da hélice que revolucionou a mecânica moderna, tornou possível a aviação, etc.

POVINHO DO NORTE

# S. Sebastião sempre Mártir

Ao seu presado amigo e camarada Marquez de Lozoya

Bons créditos de si deixou este galhardo capitão romano, cuja constância na fé mui gloriosos encômios atraiu a Santo Agostinho, que não só a Igreja, nas suas devotas homenagens, lhe consagra um dia no calendário como o bom povo das aldeias, tanto no meio do seu coração em pia graça o mesmo caiu, todos os anos promove em sua honra, em honra dessa infausta e gentil vítima dos feros pagãos, uma grata e assada festividade, a que não falta, é claro, o sermão do senhor padre prégador, rançoso de antiquados latinórios, a trecheio grávido de máximas morais de séculos históricas nas redondezas.

Acode-lhe às despêças já o produto do leilão final das prendas já o peditério feito com antecedência de meses, em Outubro. Quanto a este, no dia marcado, larga em romagem pelas freguesias contérmimas a mocidade dos dois sexos, a qual, ao alvorejar, se amalta na casa do mordomo da festa, onde rápido trazem o mata-bicho do café, pelo mesmo oferecido. E ei-los que partem prazenteiros, desempachadamente, depois de acasalados por influxo das simpatias mútuas e de combinadas as voltas a dar, segundo as conveniências e os apetites de cada um: elas, com

fartas sacas pendentes nas mãos, para as encherem com o milho e feijão das esmolas, elles, de varapau, que lhes servirá para enfiar as meadas de estôpa e linho por óbulo recebidas. E ei-los que partem galhofeiros e risonhos, embora tenham de calcular todo o santo dia, carregados, os trilhos pedregulhentos das aldeias, de andejar, casal a casal, cido a cido, terras de vale e terras de monte.

Depois, no regresso, já noite, curiosamente entre si fariscam o que acarretaram, cada um reclamando as honras de mor colheita, e pitorescamente referem os lances e feitos de suas andanças, enquanto aguardam a hora de, abançados à meza do mordomo, saciarem as ávidas fomes e as sêdes queimantes dum inteiro dia gasto em exaustivas passadas errabundas.

Com outros piedosos actos, tais os vêrcos, cumpridos em Abril, e as rezadas do Gerez, feitas em Janeiro, testificam também os rurícolas do Minho—a mais espraiaida e linda condensação da pátria portuguesa, no voto de Fialho—o seu apêgo ao senhor S. Sebastião e careiam os auspícios deste santo mártir como advogado da fome, peste e guerra. Adquiriu tal patronato, o nobre Defensor da Igreja Romana, depois que a peste, em 680,

deixou de flagelar Roma, cuja defesa lhe confiara o papa Agatão.

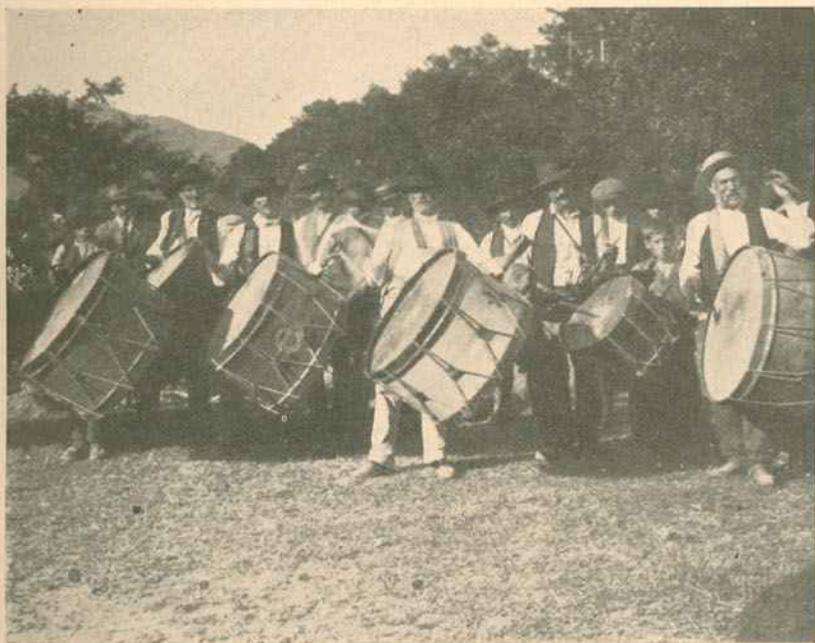
Na freguezia de Santa Maria de Sá, aos fagueiros e gentis doneios do Lima de alto sorrinte, fielmente os bons campônios guardam para essa devota solenidade o dia 6 do mês do S. João—o alacre santo casamenteiro das raparigas, compadre de S. Gonçalo nas artes de contentar corações ofegantes de amor conjugal, por vezes acompanhado a marmeleiro. Já de véspera, quando langüidesece a tarde, de si dá rebate a função, pois se turvam os ares com as retroantes marretadas dos Zés Pereiras, de longada jovial por quintas e eidos e lugares, às quais os furientes e fragorosos estouros de morteiros e foguetes marcam o compasso.

Manhã rompente, ao apêlo dos zabumbas, cuida a freguezia de enroupar-se com as véstias novas, as de ver a Deus. Ah, como é desolador ver a modernisação dos seus trajas, como é lastimável a perda, o esquecimento, dos vestuários próprios destas aldeias limianas! Olhai, vêde, como são grotescas as mulheres minhotas, entrouxadas à tricama, à moda citadina, em sáias de fazenda e blusas de seda e algodão, como são vulgares os homens metidos em ternos ajantados! De que diabólicas sugestões logra servir-se o modernismo citadino para causar o repudio do vestuário tradicional, das roupas dos maiores, dos avós? Com calças de linho ou estôpa, com jalecos ou coletes, com jaquetas de sargôça ou lã das fábricas do país, no inverno de estôpa ou linho no verão, e com capotes de pano do reino, fexas à cinta, se vestiam os homens, cobrindo-se com os chapéus grossos das fábricas de Braga. Arroupavam-se as mulheres com camisas de linho aos folhos, coletes de pano ou baetão, saiotes de baeta com barras de veludo e blusas de merino. Nos pés, chinelas de cabedal. Indubitavelmente, não reconhece o Lima castiço e loução os seus filhos, pois para tão comuns e fedos modernismos não os erion.

Decerto, não disfrutava o antigo traje feminino das margem limianas o garidismo, a viveza regional, do chamado à lavradeira ou à vianeza, do qual o rio é apaixonado louco. Esse, porém, nunca foi característico do Minho, mas apenas de duas manchas da cercania de Viana, uma ao longo do litoral até Afife, alastrando a outra pela margem do Lima até Serreleis, à beira-rio, e Outeiro, no interior, com variantes dumas freguezias para outras, embora ao tipo de Santa Marta caiba a primazia em tafulice e beleza. Esse traje, que é o de festa, apresenta-nos uma



Proceissão do Senhor da Saúde em Ponte do Lima



Festa do Senhor da Saúde — O Zé Pereira (Ponte do Lima)

admirável cromática e de maravilha são os seus efeitos, esplendidamente realçados pelos oiros das arrecadas ou brinços à rainha, das gargantilhas de contas filigranadas, assim como dos grillhões, dos corações e crucifixos, das cruzeiras de Malta, dos anéis de rabo-de-cachorro e de abraços. Além d'êles, possuem as mulheres dessas freguezias mais outros trajes típicos: o da semana, o domingueiro, o de dó e o preto dos casamentos. Tal variedade e a excelência de qualidade das suas peças concedem-lhes o primeiro lugar, o lugar de honra, entre as demais mulheres das províncias portuguesas, no capítulo da indumentária regional.

Óim, óim, óim... festivamente vozeiam os sinos da torre, missa rezada e sermão pregado. Chegada é a hora de sair a procissão, de se mostrar ao povo das freguezias, no adro e nas terras à volta apinhado, as chagas rubentes, horríficas, pelas setas dos truculentos legionários de Diocleciano rasgadas, do mártir S. Sebastião, com as quais, segundo o convício juízo dum seu apologista, ficou mais onrigo que homem.

Como arautos da procissão, impantes de farta rópia pela curiosidade que lhe avocam, marcham na vanguarda os senhores Zés Pereiras, abarrotando o caminho com o bruto estrondear dos seus bombos. Eis, depois, a cruz alçada nas mãos nodosas do Tomé da Ponte, louro-ruívo de olhar enviezado, em contínua diligência de a manter no apurmo requerido.

A seguir, os andores. Primeiro, mui firme nos ombros dos mordomos da festa, o Zé do Carro, o Néio Perestrela, o Néio Bispo e o Gonçalo Cabrião, tafulmente, recoberto de gases e veludinhos, de reluzentes e variegadas lusitanas, franjas e galões da mor bizzarria, aparece o do mártir reverenciado, com ostentosas cordas de ouro jangido ao tronco do seu martírio, precingindo-lhe os rins numa pudibunda toalha de pregas correctas e cobrindo-lhe os pés a espada mavórtica e as dragonas de gala, elementos de sua distinta gerarquía.

A distância regulamentar apresenta-se o outro, de Nossa Senhora de Sá, padroeira da freguezia, também janotamente guarnido com lusitanas, bolantes e folhos de brilhos diversicolores, que são os panos de pompa, a mais os veludinhos e as gases, empregados nas galas religiosas de todo o Minho. Contentes da carga, empenhadamente apetejada, para botar figura, tanto mais que não é ajeitante, com ela se pavoneiam quatro mocetões — o Chico dos Poços, o Néio da Castanheira, o Margarido e o Zé da Ferradeira.

Segue atrás do andar da padroeira, em compostura mui devota, a Rosa do Miguel, envolta na branquicenta mortalha de penitência, ampla como camisa de dormir, cujo tontuço arredão uma tósca e engoiada corôa, donde pende, a cobrir-lhe o cachão, trigozeiro e rôlo como pão cenceio, um véu minguido. Nas mãos zorradas, erguidas em prece, sustém um ramo florido, ageitado com a arte com que a natureza cria o repólho. Vai a cumprir um voto, um dos votos que por doença, livramento das sortes e dos males que dão nos gados e colheitas, sóe fazer-se nestas paragens limianas.

Em seguida, na grave luzença de seus paramentos vermelhos, sob o aparato solene do pálio, marcham cadenciadamente, mui sisudos de parecer, os reverendos abades de Bertianhos, que tanto soube lidar nos campos da Flandres como sabe gerir nos da sua freguezia os negócios do corpo e da fazenda, de Sá, um leitão no mais completo sentido da palavra, de Moreira, um judeu coberto de batina, e Santa Comba, que na sotaina encontrou a melhor capa de misericórdia, além do senhor padre-capelão Zé da Renda, o mestre de cerimónias, pregador encartado e perito em sermões logorreicos e megalogóricos, trecheios da rancidez dos sermonários de setecentos, à gente grada sempre dispensando um ar da sua graça beatificamente nutrida com jantares opiparos, que não deixam dedignada a memória de Pantagruel.

No coque do préstito, afogando-o em ondas

de jocundas fífias e dissonâncias, tropeia mal compassada a filarmónica de Moreira, de uniformes lustrados com o verdasco de cem romarias, a moer impávidamente venerandos ordinários.

Homens e mulheres, mais a cachopada fere-fólha, em chusma premdida, todos chibantes nas suas roupas de ver o Senhor, sobrevém depois numa fúla-fúla impaciente de gosar o desfile da procissão, fértil em calçadas e encontrões.

Lá no alto, o sol, num zénit glorioso de fulvas auréolas de ouro líquesciente, deixava fruir a terra um dia de maravilha, daqueles que fazem a apoteose de Deus e da Natureza, em maezas de calores brandos, em caudalosas luminosidades de magia subtil, como olímpico Mecenas dos humanos regosijos.

Foi a manhã para a devoção; será para folgar a tarde, primeiro no leilão, na borga, depois. Sobejam para aquele prendas e segredos, a mais o estimulante da rifa dum carneiro, cujos produtos fiduciários se destinam a valer ao custeio da festividade do senhor S. Sebastião. Afoitados e sófregos de bailar, prometem os ânimos uma borga rija.

No escadório da casa das mortalhas e à sua roda amalta-se o gentio, sempre mexedigo, bule-bule, para se arranjar da melhor maneira de ver as prendas e a sua licitação, sempre gárrulo, linguaraz, hilare, todo aberto em risos fartos e francos. Não têm conta os casais de conversados: êles, de passo que chalaeciam, sórnamente matutam no geito mais económico de fazer figura nos despiques provocados pelos apetites de suas damas; elas, sem perda dos pejosos mencios, que são negações de gran feitiço, escogitam na forma airosa de haver às mãos, por graça do amor, o que em especial lhes agrada.

Uma a uma, vai pondo em praça o leiloero, pouco dextro, apesar do tirocínio, as prendas expostas: pombos, cêstas de búzios, coelhos, argolas de guardanapos, frascos de cheiros, lenços bordados e quejandas bugiarias, às quais, em brados e exclamações aviuhadas, encarece os primores. São, porém, os segredos o que instiga o mór interesse. Entre o que é e o que será, empurradas pelas curiosidades postas ao rubro pelo mistério, fazem-se as arrematações por quantias subidas, logo choradas pelos arrematantes legrados nas suas cúpidas esperanças, pois dar por meia dúzia de biscoitos ou cigarros, embora mui bem dispostos em caixinhas e açafats guaruidos com papelinhos e fitas de sêda, com belos recortes e laços, uns sete a dez mil réis é, decididamente, lastimável, sobretudo pela agravante de ouvir os remocões e risos galhofentos da companhia. Os exemplos não escarmentam, o que facilita a multiplicação das vítimas, porquanto à cubiça trêfega do aldeão palpita-lhe sempre a graça dum feliz bambúrrio.

Chega o momento da rifa do carneiro. Ei-lo que, sedutora e garridamente adornado com fitas branco-azuis, gôrdo e felpudo, em pretensiosos meneamentos, a que regulam o compasso as polejadas sinfonias da banda moreirense, entra no adro e o atravessa. Logo, o povaréu, em grande algarido, com risadas e chalaças avondo, esfervilha que nem maré viva. Pois quem será o feliz que por cinco tostões, preço dos bilhetes, alcançará um jantar lauto como o do senhor abade, em dia festivo? Quantas ânsias não resfole-

gan os peitos, quantos apetites não chiapam dos olhos e não afagam as mentes e, até, quantas promessas comprometedoras para a isenção dos benaventurados da corte celestial não formulam os espíritos?

Dois mocitos bisonhos, com que os festeiros atestam a sua probidade, vão retirando duma sacola os números de papel enrolado. Por cada um não premiado tomba uma ilusão, registada por vários modos exclamativos. Finalmente, surge o da sorte, mas o contemplado não arranca das entranhas alácres exuberâncias. Dir-se-hia haver coisa de bruxedo no casão, tão caprichosa se mostra a sorte, se não fôra a manifesta inocência dos rapazinhos. Caiu o entusiasmo, até então vivaz, e, com o dia em lusco-fusco, revolve-se a turba no borbórinhar da debandada. Os novos, porém, não se encaminham para casa, pois lhes falta o melhor da função — a borge. Esta, que para eles tem mil encantos, que a valer os apaixonou, consiste num bailarico, espécie de batuque de brancos, pelo qual suspiram depois duma esfolhada ou espadelada, após a vindima ou um peditório, ou, também, qualquer das suas festas devotas.

Neste sarambeque, o *harmonium* serve de batuque, pois logra, como ele, os mesmos irresistíveis influxos coreográficos.

Quanto recreativo, desenfado, é o espectáculo de os ver, em sala pouco alumada, ora saltinhar doidamente, porfiadamente, nas *pu-ladas*, girar na roda viva dos rodopios das valsas, ora entusiasmados nas voltas e meneios e trocas das modas da carrasquinha, da siranda, da Marianita, do vira e do malhão, que bailam ao compasso dos garganteios das moças mais cantadeiras, palmejado, por vezes, em certos ritmos, cujos estribilhos são entoados clamorosamente pelos bailadores.

Não sabeis dançar a carrasquinha? Pois bem,

*A moda da carrasquinha é dançada assim ó lado, quando se ela ajoelha tudo fica ademirado.*

O quanto é graciosa e leveira a siranda, já vo-lo direi:

*Esta moda da siranda  
É uma moda bém ligeira  
Faz andar as raparigas  
Como o trigo na arjocira.*

*Oh, siranda, oh, sirandinha,  
Vamos nós a sirandar  
Vamos dar a meia volta  
Vamos dar a outra meia  
Outra meia e troca o par.*

*Gesto muito da siranda  
Sô pelo andar à roda  
Lá dará contas a Deus  
Quem inventou esta moda.*

*Oh, siranda, oh, sirandinha,  
Eu hei-de ir ó teu serão  
Fiar uma massaroca  
Do mais fino algodão.*

Jovial e madrigalesca, seduzir-vos há a Marianita:

*Os olhos da Marianita  
São verdes como o limão.  
Ai, sim, Marianita, ai, sim!  
Ai, sim, Marianita, ai, não!*

*Os olhos da Marianita  
Tenho-os eu aqui na mão.  
Ai, sim, Marianita, ai, sim!  
Ai, sim, Marianita, ai, não!*

Já o malhão, triste, dramático, não vos agradará:

*Oh, malhão, malhão  
Ó malhão daqui  
Se matar, matei  
Se matar, morri!*

*Oh, malhão, malhão  
Ó malhão do Pórtio  
Se matar, matei  
Se matar, está morto!*

Na cana verde transluz a veia amorosa e maliciosa da juventude:

*Ó minha caninha verde  
Verde cana d'encanar  
Nem hei-de casar contigo  
Nem te hei-de deixar casar.  
Ó minha caninha verde  
Ó meu senhor do Bomfim  
Linda cara, lindos olhos  
Vira-te cá para mim.*

*A cana verde no mar  
Bota raízes na areia  
Sou leal a todo o mundo  
Todo o mundo me falseia.*

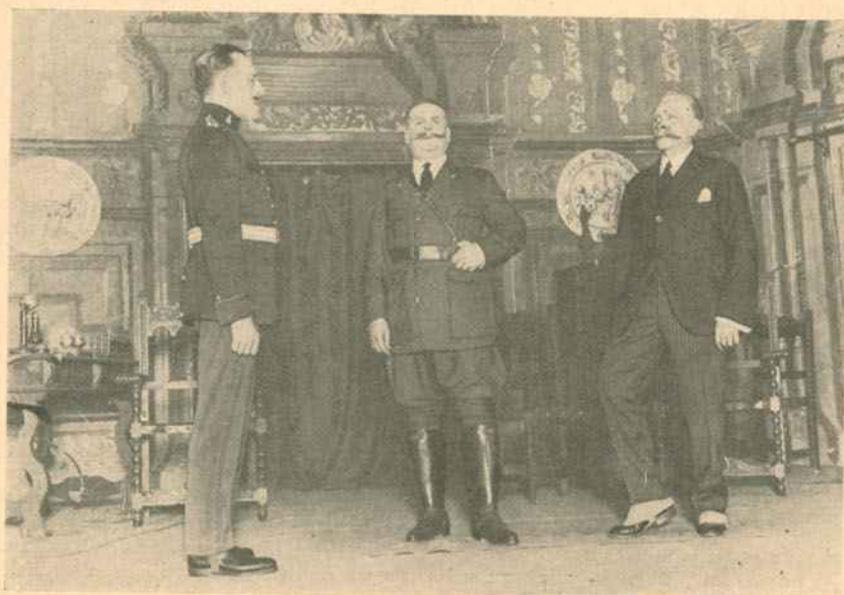
*Eu pintei a cana verde  
Eu pintei a verde cana  
Eu pintei a cana verde  
No traverseiro da cama.  
Ó minha caninha verde  
Ó meu senhor do Padrão  
Quem não quere que o mundo fale  
Não lhe dê ocasião.*

*Encostei-me à cana verde  
Cuidando que não quebrava.  
A cana verde era ôca  
Coisa que não me lembrava.*

Estoiram os últimos foguetes; rebentam os morteiros finais; mas já não é festivo, ála-cres, estimulante, como de manhã, o seu estrondear. As sombras crepusculares, desencrespadas, a pouco e pouco rebaçam árvores, montes e casas, que, assim, com perda do relêvo, das linhas e cores, adquirem formas fantasmáticas, monstruosas. No ar perpassa brandamente, subtilmente, aquele vago e misterioso fluido da Natureza, que nos arre- pia o dorso e nos insufla uma tristeza leve, de suave pungir, quando, ao largo, no hori- zonte biante, listrado com sangüíneas bar- ras, morrem os dias gloriosos de cor e luz.

Alheia ao drama da morte de Apolo, a fi- harmônica, borracha de vinho e de suas sin- fônicas, investe com o último ordinário, adro- fora, à busca do poiso nocturno.

CARLOS DE PASSOS.



## TEATROS

O período post-revolucionário espanhol revelou algumas curiosas obras de teatro político. A primeira obra, o poema de Alvaro de Orriol, «Rosas de sangue», marcou um êxito formidável. Logo a seguir, um êxito intelectual foi o entremez trágico ao sabor de estampa popular «Fermin Galán», do discutido autor de vanguarda Rafael Alberti, obra em que Margarita Xirgú poz todo o seu amor de comediante e renovadora do teatro espanhol sob a direcção desse mago do teatro, o inquieto escritor e artista insigne que é Cipriano Rivas Cheriff. Surge agora a obra mais pitoresca. Em Maravillas, uma farsa política «Alonso XIII de Bombón», alcança um êxito de cruel sátira. Uma das scenas mais aplaudidas da peça é a que a nossa foto representa: um conselho, em palácio, onde se veem as figuras inconfundíveis do Conde de Romanones, general Berenguer e aquele a quem o autor chama... «Alonso XIII, de Bombón»!...

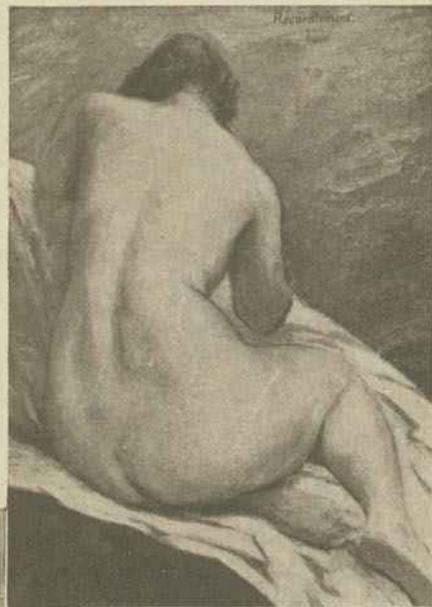
(Foto Orriol)

UM PINTOR  
BRASI-  
LEIRO

—  
VIRGILIO  
MAURI-  
CIO



Um expressivo retrato de Virgílio Maurício



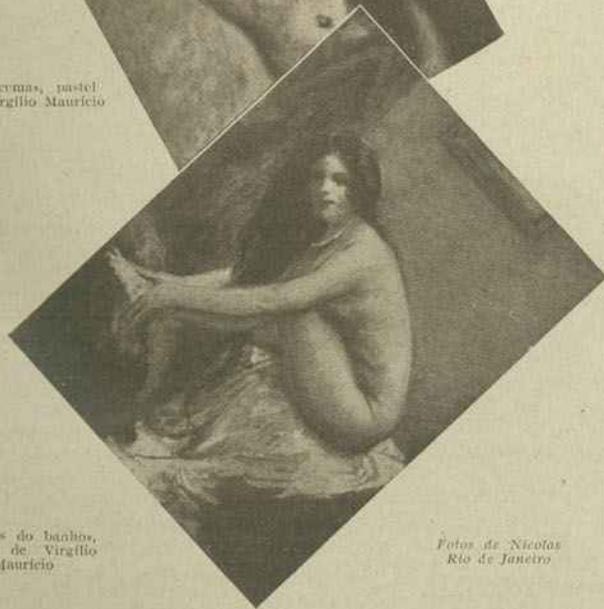
«Recolhimento», um dos belos estudos de nu do pintor.



A ESQUERDA — «Oriental», um quadro famoso do artista



«Iracyma», pastel de Virgílio Maurício



«Depois do banho», pastel de Virgílio Maurício

EM BAIXO — Outro belo retrato do pintor Virgílio Maurício, que está actualmente entre nós



Fotos de Nicolas  
Rio de Janeiro

# A DANSA



Dancerina Légonz  
com o capacete de  
ouro massivo



«Pas de quatre» dos  
alunos de M.<sup>me</sup> Wes-  
torovsky, dos tea-  
tros imperiais russos

A dança é movimento, harmonia, cadência, vida. A dança é, por isso mesmo, imemorial. Todos os povos a praticaram, desde que o homem soube exprimir, pela mímica e pelas atitudes, as modalidades do pensamento. Ela significou sempre, após os seus primeiros tacteios rudes, a alegria, a dor, a voluptuosidade, a inteligência, a força, o amor, o medo, a revolta — todos os sentimentos e todos os instintos que agitam a humanidade, que impedem a vida de se parecer com a morte.

A princípio, nos tempos primitivos, ela foi caracteristicamente impetuosa, lasciva e guerreira. O homem formava o embrião das sociedades actuais — as primeiras famílias, as primeiras tribus, as primeiras raças. A natureza explodia com a potência dos vulcões, assombrava e aterrorizava os seus con-



As «Swanson Sisters», rainhas do music-hall berlinês  
(Foto Orrius)



As pequenas dançarinas  
da Ópera de Paris ro-  
deando M.<sup>me</sup> Tchaikowsky  
Toumanowa

templadores. Os rios eram raiventos, inundavam no inverno, com a violência do dilúvio bíblico, as relvasas planícies sem defesa. As florestas eram densas, invioláveis, misteriosas, com árvores gigantescas, de ramagens musculosas, que o vento ciclónico não conseguia flectir. As feras andavam à solta, em caterva, esfacelando-se entre elas, como a multidão faz hoje nos seus frequentes momentos de desvairo... A ignorância supina do homem começava apenas a ser desbravada pela curiosidade, pelo instinto. O mundo, a sua origem, a sua subsistência, constituíam um enigma impenetrável e assustador. Os primeiros séculos foram de superstição e ansiedade. Nêles nasceu a dinastia indissolúvel dos oráculos que se cruzou imediatamente com a dos messias. A dança não podia ser então nem graciosa, nem espiritual, nem ligeira.

Mas, sobre a terra, tudo é transformável, tudo é sujeito à acção modificadora do tempo. Os próprios corpos inorgânicos mudam de forma, decompõem-se, alteram-se na sua essência. O homem, pela observação, pelo raciocínio, começou a formar o canheño dos seus conhecimentos, a fixar as gradações da sua sensibilidade hesitante. A memória individual, logo seguida pela tradição, que é colectiva, expandiu as primeiras verdades elementares ou, melhor dizendo, as primeiras teorias arbitrárias tidas como tais. A animalidade primitiva desagregou-se pouco a pouco, sob a acção purificadora da inteligência, naturalmente evolutiva e criadora. Pelo seu encontro quotidiano com os seres animados mais dispares, pela constatação inevitável da potência germinativa da natureza, dando origem—por exemplo—a paisagens compostas todas dos mesmo elementos decorativos mais divergentes nos seus aspectos pictóricos, o homem aprendeu, experimentalmente, a diferenciar o grandioso do minúsculo, o belo do horrendo. O aprendizado foi, é claro, lento e difícil. Mas foi ele que iluminou, com os seus clarões reveladores, o infundável e acidentado caminho que a humanidade ainda hoje percorre em busca da civilização perfeita.

A dança, como a música, a escultura e a arquitectura, perdeu o seu carácter bárbar, instintivo, das primeiras épocas, acompanhando a par e passo as sucessivas modalida-

ram o cristianismo moralizador, nitidamente guerreira e sensual, báquica e pagã, ela adquiriu depois, com o advento das novas crenças, uma feição religiosa, impregnada por vezes de puro misticismo. De resto, igual metamorfose se deu nesses agitados tempos distantes em todos os outros ramos das belas



Ann Pennington, a rainha do black-bottom americano e grande estrela da opereta cinematográfica

(Foto Orrios)



O bailarino russo Sergio Lifar no bailado «Prometeu» na Ópera

artes cultivadas então com uma ingenuidade saborosa, que o tempo e a clausura dos museus e dos arquivos só têm avolumado, para regalo dos nossos olhos.

Mas antes da erupção, no sul da Europa, do fascinante cristianismo, pregado por S. Paulo e os outros apóstolos emigrados da Judeia, já os helenos, que foram no velho continente os percursores de certas ideias de beleza ainda hoje iminentes, tinham espiri-



A celebre Mado Minty e o seu dançarino Spanover, reis do music-hall parisiense

(Foto Orrios)

des mentais e morais dos diferentes povos. Não cabe no âmbito de uma crónica, obrigada à difusão de simples generalidades, mencionar o que foi a dança no Oriente nem o que ela é, ainda hoje, por exemplo, nas regiões selvagens da África e da Polinésia, onde não arribam os exotismos europeus. Limitemo-nos prudentemente ao velho continente e, mesmo assim, com a parcimónia dos incipientes cautelosos que escrevem, como nós, de cór, sem o conselho bemfazejo de um só livro... Mas—porque não é segredo dos deuses—podemos bem dizer que se a dança foi, nos séculos sangüinolentos que precede-



A dança em patins. Os campeões Mary e Eric, num minueto estilizado... em rodas

(Foto Orrios)



Um contraste curioso — A esquerda um bailado clássico e à direita passos de dança ultra-moderna

(Foto Ortíz)

tualizado a dança. Não sabemos se nos «tempos heróicos», na época dos argonautas e do cerco de Troia, as vénus gregas volitavam já, ao som melodioso das cítaras, nos jogos coreográficos, ligeiros e harmoniosos, que as immortalizaram mais tarde. O divino Homero, que amava os pormenores históricos, regista talvez o facto nos seus poemas intensos, sempre admirados e cada vez menos lidos... Mas

o que parece incontroverso é que na época de Pericles, tão grande como homem de Estado que o seu século é conhecido pelo seu nome, a dança, como todas as belas artes, se rendilhou, se refinou, adquirindo simultaneamente o prestígio de uma religião. Ditosos

EM BAIXO — As famosas Dainty Tróadero Girls, no final da revista inglesa «And so we go on» de C. B. Cochran

(Foto Ortíz)



tempos em que homens dominadores, como Pericles, a-pesar de entregues à tarefa ciclópica de firmar a hegemonia militar dos seus povos, não se esqueciam de impulsionar os artistas e os escritores e de recheiar as suas terras, como sucedeu em Atenas, de monumentos maravilhosos!

A purificação da dança, como de resto o aperfeiçoamento da arte e da literatura, em todas as suas divisões, prosseguiu depois da época clássica com o desvelo e a inteligência que os gregos aplicavam no realce da sua civilização medlar. Unicamente, em vez de a complicar, de a sobrecarregar, com excessivos enfeites de estilo, eles preferiram, criando teorias estéticas que ainda hoje fazem lei entre a gente de bom gosto, simplificá-la, torná-la quanto possível incorporea, idealizá-la a-pesar dos seus intuitos alegóricos. Foi essa miraculosa compreensão da beleza que deu origem às obras primas de Fidias e Praxiteles e à sóbria elegância arquitectónica do Parthenon. Como nada é eterno, a não ser, é claro, a suprema divindade, a arte e a literatura gregas entraram, depois do século IV, num período de inegável decadência, contrariada, todavia, pelos repetidos lampejos de génios como Teócrito, Epicuro e Plutarco. Mas o culto pela dança não desfaleceu entre os requintados helenos, continuou a fazer parte da educação nacional. E como eles transmitiram a sua cultura à Europa ocidental e poliram os costumes latinos, podemos bem dizer que se a dança manteve durante séculos, entre os povos mais adian

(Conclui na página 35)

CASA  
PORTU  
GUESA

O Solar  
Paiva  
Brandão

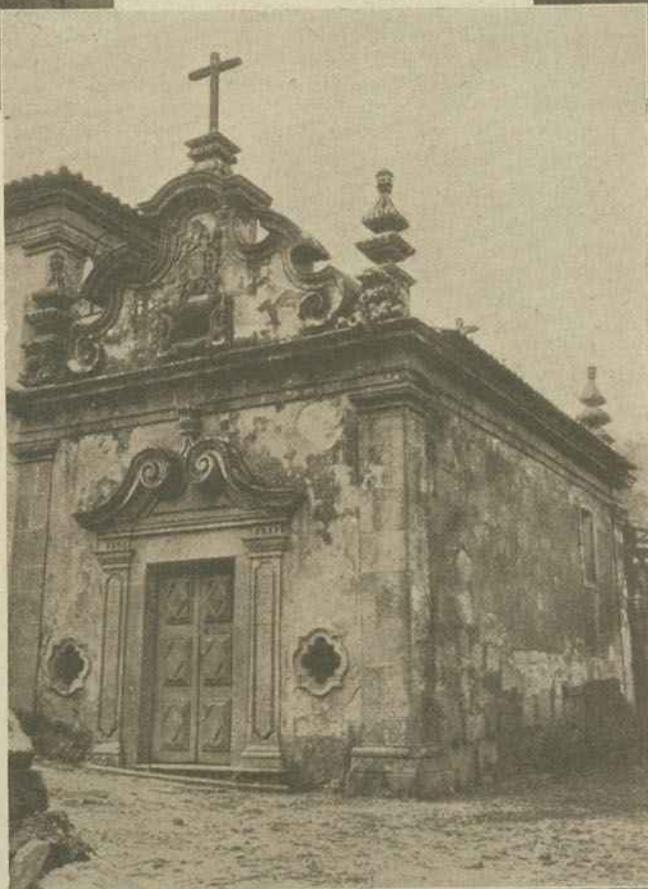
CELA-AROUCA



A TÍPICA SALA DE JANTAR,  
VENDO-SE UM TRECHO DO  
LINDO TECTO

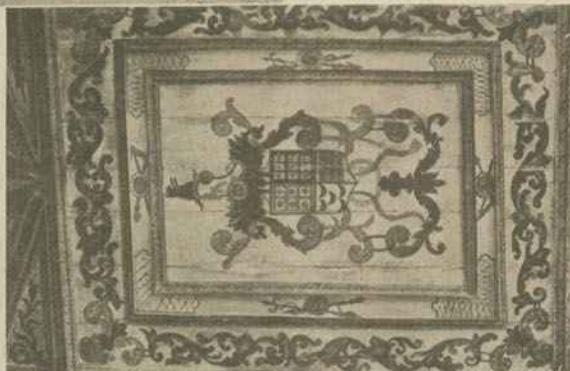


ENTRADA NOBRE E CARACTE-  
RÍSTICO ALPENDRE DE UMA SÓ-  
LIDA BELEZA DE LINHAS



OUTRO ASPECTO DA SALA DE  
JANTAR. AO CENTRO — CAPELA  
JOANINA

BRAZÃO POLICRÓMICO NO TECTO  
EM CAIXOTÃO DE UMA DAS SA-  
LAS DO SOLAR





Goldwyn-Mayer? Uma chamada de Java para Greta Garbo ou John Mac Brown! Ou uma chamada de Buenos Aires para Ramon Navarro ou Leyla Hyams. Isto não significa nada de mais para as telefonistas; apenas mais uma chamada, pois estão já acostumadas às conversas inter-urbanas.

«O que não fará um admirador para comunicar com a sua «estrela» ou astro favorito!» dizia outro dia a telefonista número três. Quando se tem de falar por telefone de Java, e quando se tem de pedir a comunicação com três dias de antecedência?! Decerto os moradores de Londres devem crer que Marion Davies não tem mais que fazer senão atender o telefone; dia não se passa sem que ela tenha chamadas da Inglaterra. As chamadas de Nova York são tantas que já não é possível saber-se o número.

### PELO TELEFONE...

HÁ oito raparigas em Hollywood que tem falado provavelmente com mais luminares internacionais do que qualquer outra pessoa. Contudo, conhecem pessoalmente menos personagens notáveis do que qualquer outro mortal. As telefonistas dos *studios* da Metro, respondem a mais de quinhentas chamadas telefônicas por hora — quasi todas dirigidas às estrelas, astros, escritores célebres e altas personalidades sob contrato com aquela grande companhia produtora.

A maior parte destas chamadas são dos admiradores dos artistas que telefonam de longas distancias. Quando se accende a luz vermelha, ouve-se uma voz que diz: «Metro-

Recebem-se pelo menos com chamadas inter-urbanas diariamente, todas de admiradores dos artistas cinematográficos ansiosos por ouvirem a voz da sua «estrela» ou «astro» predilecto! É muita sorte não haver estações



Wallace Beery, o eminente actor americano, com a sua espingarda de caça e o seu cão favorito

telefônicas nas selvas africanas, de contrário os selvagens estariam já falando com os destemidos interpretes de *Trader Horn!*

Pode-se comparar os *studios* da Metro com uma cidade em miniatura, com os seus próprios postos policiaes e de bombeiros, etc. Tal semelhança é tambem exacta no que se refere ao serviço telefónico. Na estação central de telefones do *studio* recebem-se 175.000 chamadas por mês para os duzentos e oito departamentos diferentes — chamadas somente para negócios com os *studios*. Há um directório especial para os nomes dos empregados classificados alfabeticamente e por departamento. O serviço interior dos *studios* compõe-se de 627 estações telefônicas!

Um detalhe curioso é que o número de chamadas para os artistas aumenta consideravelmente durante as férias escolares. Conforme afirmam as telefonistas dos *studios*, os colegas mostram grande empenho em conversar com os seus artistas favoritos, ainda mesmo que seja de longe.

Os pretextos a que recorrem os admiradores dos artistas para obterem comunicações com estes, são vários. O mais comum é fazerem-se passar por um amigo da infância, ou por um antigo companheiro de colégio. Outras vezes dizem ser parentes do artista, agentes comerciais, costureiras ou cabeleireiras, e até empregados de garagens que necessitam certa informação acerca dos concertos que estão fazendo nos automóveis dos artistas.

As telefonistas dos *studios* da Metro já não se entusiasmaam em estabelecer comunicações com os recantos mais distantes do globo. Greta Garbo, por exemplo, tem falado com os seus amigos e admiradores da Suécia, e recentemente esta mesma *estrela* recebeu uma chamada de Bombaim! Enquanto a Ramon Navarro, tem conversado com os seus admiradores dos países latino-americanos que desejam ouvir a sua voz. Em menos de quinze dias Ramon Navarro recebeu chamadas telefônicas do México, Buenos Aires, Espanha, Cuba, Panamá, Portugal e de várias partes do Brasil.

A este respeito, uma das telefonistas relata um caso curioso ocorrido recentemente. Uma menina de Detroit chamou por telefone



À ESQUERDA — Leyla Hyams, uma linda loira num encantador retrato de arte

daquela cidade, perguntando por Norma Shearer. Como não pudesse dar uma razão séria para falar com a «estrela», então pediu que a comunicassem com Joan Crawford. A telefonista explicou que as duas «estrelas» estavam muito ocupadas nos cenários. E depois de um momento de vacilação, disse a pequena: «Bem, então deixe-me falar com qualquer «estrela»!»

O departamento telefónico dos studios é mais ou menos parecido com um escritório de informações. Chamadas vem de curiosos

que as assediam com perguntas, cada qual mais extravagante possível. Perguntas como estas: onde pode ser visto Leo, o leão da M. G. M.; o que ele come, como ele vive, etc. As telefonistas tem que arranjar respostas para todas essas perguntas, para evitar que essas pessoas vão incomodar outros empregados nos seus trabalhos.

«Quasi que se pode dizer que o único lugar de onde não nos tem falado pelo telefone é da Groelandia», disse uma das telefonistas. «Os admiradores dos artistas cinematográfi-

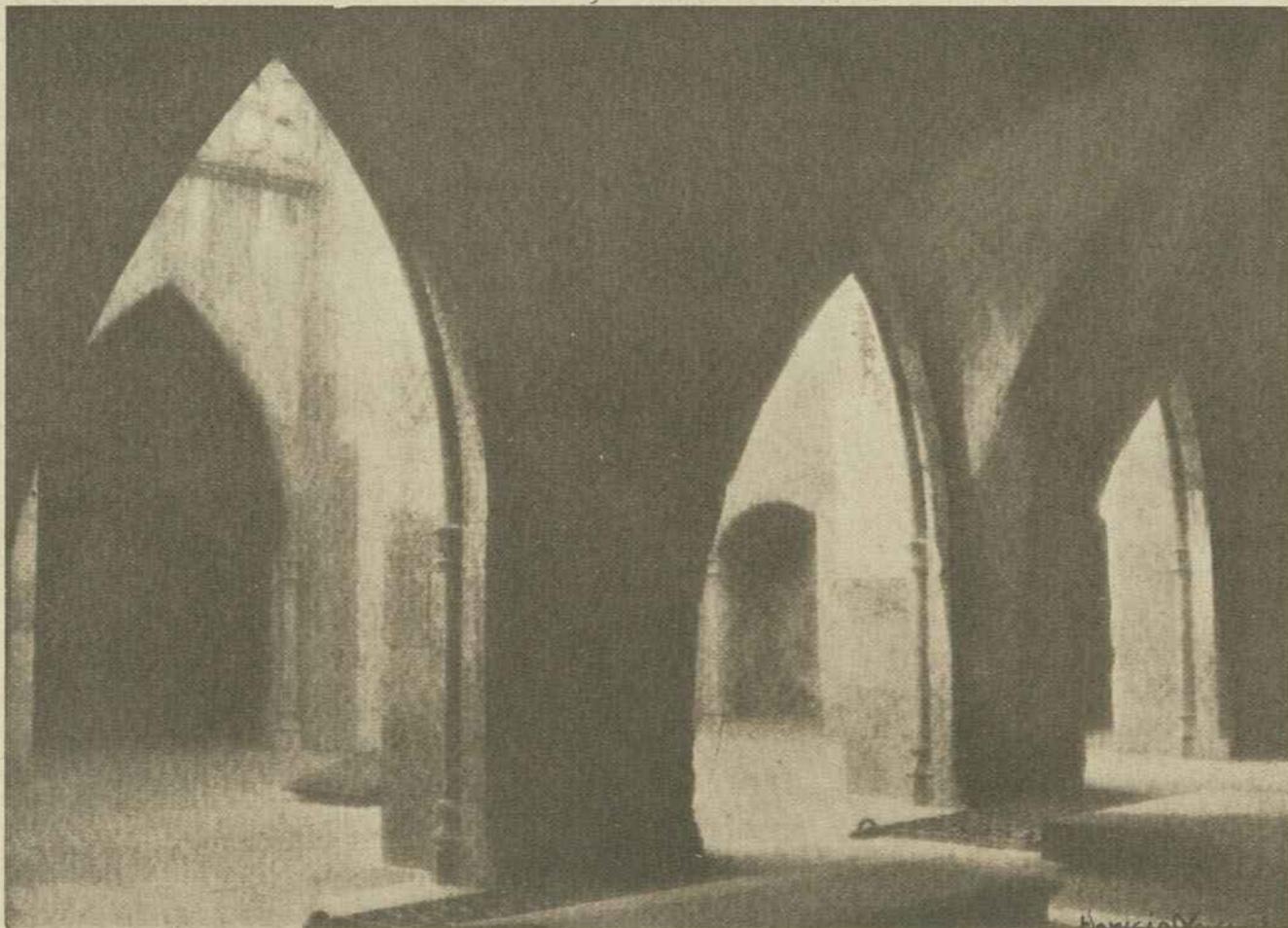
cos fazem todo o possível para ouvirem a voz dos seus favoritos. E pensar que nós conversamos com gente famosa todos os dias. Grandes escritores, famosas «estrelas» e «astros», homens e mulheres notáveis em todos os ramos de actividade humana, mas contudo nunca os vemos. As nossas horas de trabalho são diferentes dos outros empregados, pois chegamos aos studios antes do que os luminares, saímos quando eles estão trabalhando e, quando voltamos, já eles se foram embora para casa».



À DIREITA — Quem não se deixaria pintar por uma pintora da força de Conchita Montenegro, a grande estrela espanhola dos cineastas americanos

MC-1435

Página  
de  
Ante



VELHAS OGIVAS  
DA TORRE  
DE BELEM

Ilustração  
32

foto de  
H. Novales

# UM GRANDE POR ESCULTOR TU GUÊS

## HENRIQUE MOREIRA

**H**ENRIQUE Moreira é um escultor que vai marcando, tanto em Portugal como no estrangeiro, a sua personalidade imorredoura.

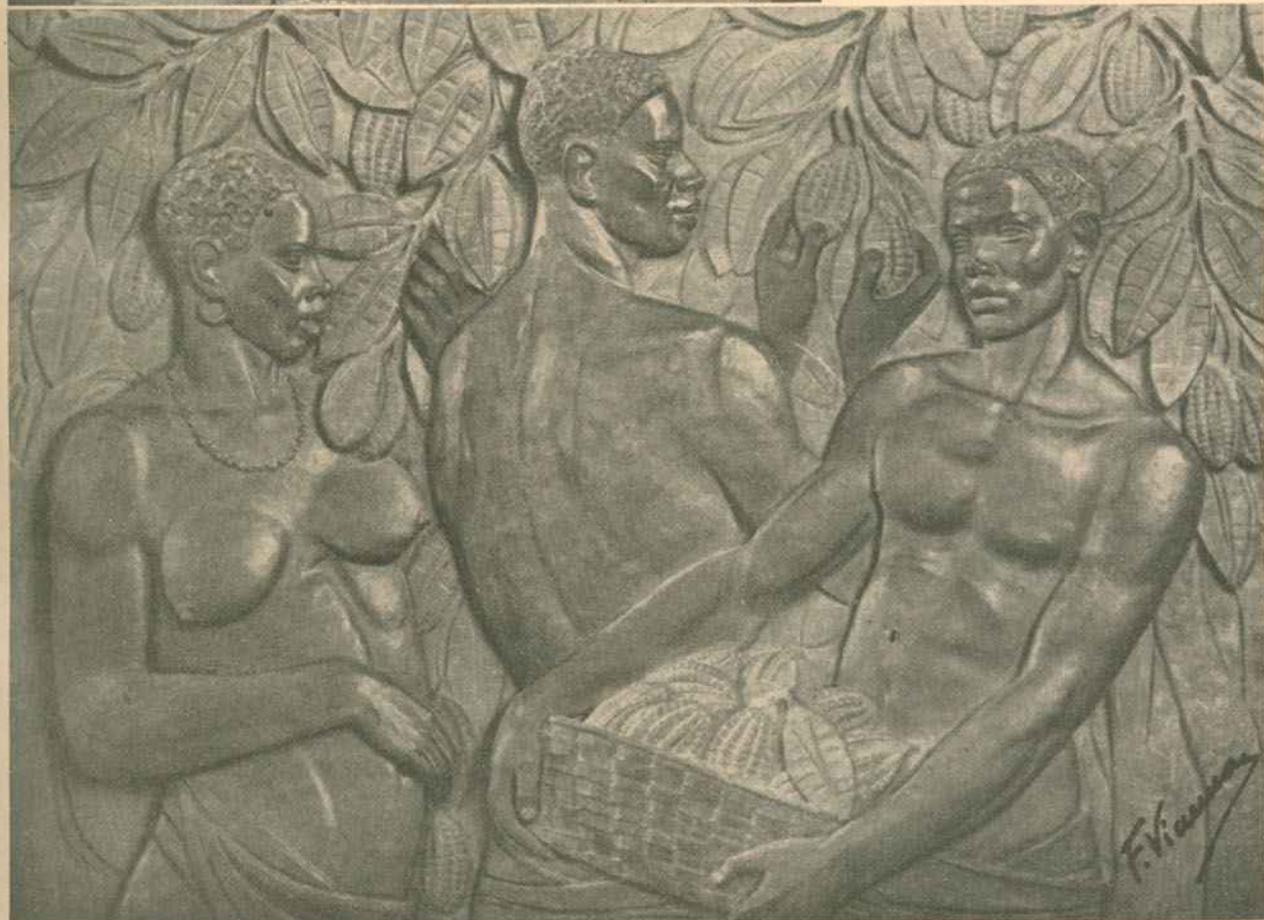
Entre muitos artistas de sua época, o seu nome é sempre lembrado com admiração e as suas obras são admiradas com carinho.

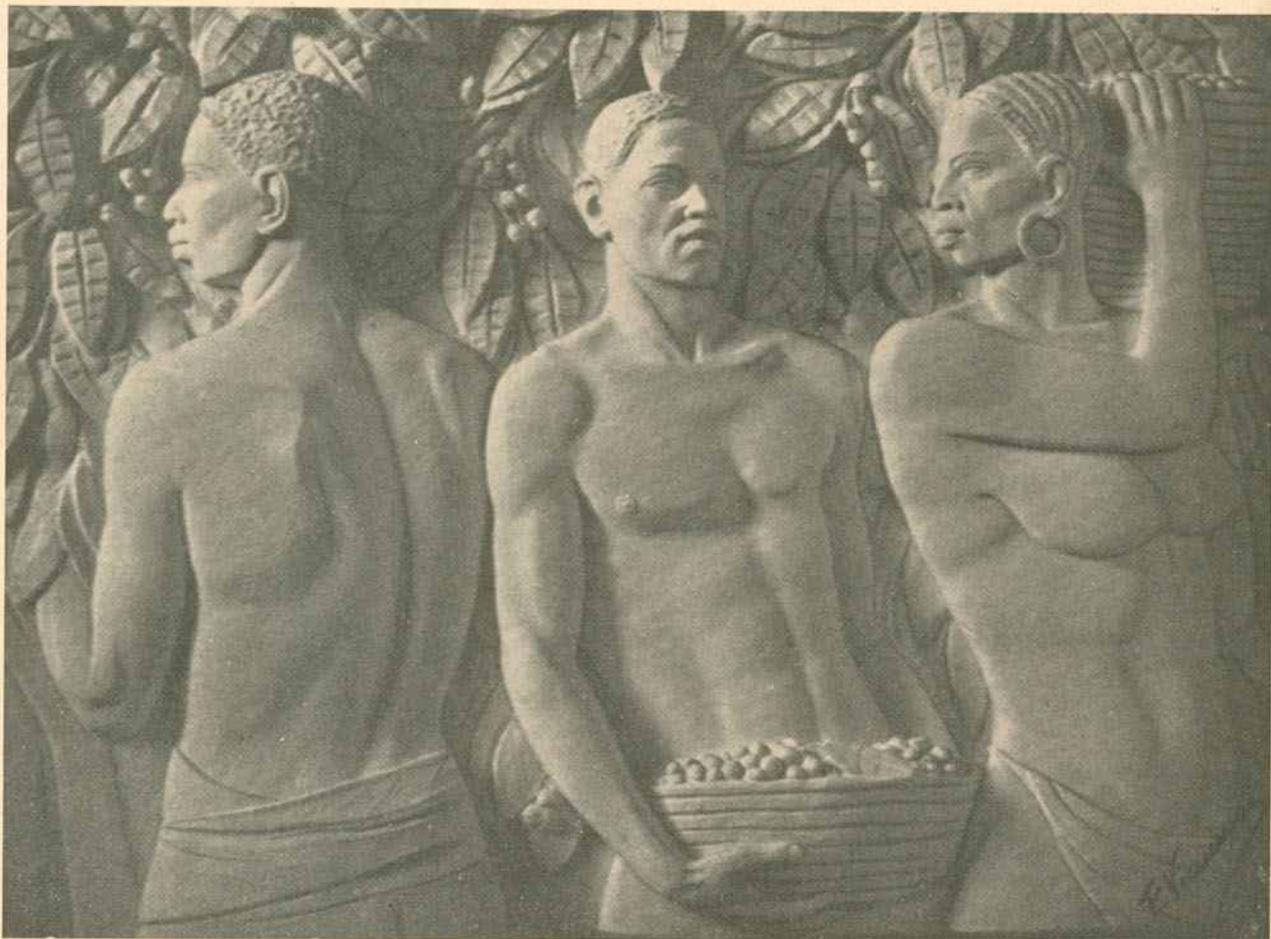
Trabalhador incansável, ama a sua arte

A ESQUERDA — Fragmento do Diorama «A chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil», do escultor Henrique Moreira, que figura no Pavilhão Português da Exposição Colonial de Paris

EM BAIXO — A COLHEITA DO CACAU — Baixo relevo do escultor Henrique Moreira, para decoração do Pavilhão Português da Exposição Colonial de Paris

(Fotos Francisco Viana — Porto)





A COLHEITA DO CAFÉ — Baixo-relêvo do escultor Henrique Moreira, para decoração do Pavilhão Português da Exposição Colonial de Paris  
(Foto Francisco Viana — Porto)

como a sua família, com um carinho de pai afectuoso.

H. Moreira não é um artista concentrado que vive só para si e para a sua arte; ele sabe aproveitar o tempo e as ocasiões, sem que o seu espírito alegre e irrequieto o prejudique. Quer trabalhando quer conversando com os seus amigos nunca a sua voz se altera, nem as suas frases se tornam maçadoras.

Ao contemplarmos algumas das suas obras, sentimos uma serenidade de linhas e de formas, que bem parecem o retrato da sua alma de artista.

Podia mencionar aqui inúmeras obras de arte que atestam claramente o seu valor, mas isso seria uma repetição de tantas crónicas que, mais eruditamente, o têm colocado na categoria mais honrosa da sua classe.

Quero referir-me simplesmente às suas últimas criações que, apesar de terem um

carácter decorativo, não deixam de ser verdadeiras obras de arte.

Como é grande psicólogo e profundo observador, caracteriza com relativa facilidade os tipos de diferentes épocas, nacionalidades e regiões.

Já nos baixos relêvos enviados há anos para o pavilhão português na exposição de Sevilha, nós vemos as expressões, os costumes e a alma do nosso povo. E agora, escolhido mais uma vez para representar Portugal na Exposição Colonial de Paris, enviou àquele certame quatro trabalhos, que bem merecem o lugar que lhes foi dado, pois honram Portugal e o seu autor.

A colheita do café e a do cacão, são dois baixos relêvos que nos mostram com toda a realidade, o aspecto dos trabalhos colonizadores.

Os corpos nus e musculosos dos pretos são trabalhados com uma técnica firme e individual, cujo modelado é feito com largueza, sem a preocupação do *bem feito* nem os exageros caricaturais.

Todas as linhas são harmoniosas e bem desenhadas; na fisionomia adivinhámos também a psicologia daquela raça selvagem, iluminada já por uma centelha de civilização.

São também dignos de elogio dois dioramas que figuram na mesma exposição. Representa um Vasco da Gama falando ao Samorim, e outro a chegada de Pedro Álva-

res Cabral ao Brasil. Pertence a este último o fragmento que reproduzimos que, sem o conjunto dos três grupos que constituem o referido diorama, não tem o valor que realmente representa. Em todo o caso vemos a mesma técnica, o harmonioso movimento das figuras e especialmente as suas fisionomias expressivas, que denotam simultaneamente: admiração, cólera e pavor, na incerteza de fugirem ou assaltarem os guerreiros estranhos que se aproximam destemidamente.

No outro diorama vê-se Vasco da Gama falando ao Samorim, que o escuta com admiração, assim como a sua corte.

Só no conjunto e em frente dos referidos dioramas se poderá apreciar o mérito destas duas obras de arte que honram o seu autor, pela originalidade, pela técnica, pela psicologia e etnologia dos personagens das diferentes raças.

ARMANDO CARREIRA.

# a dança

(Conclusão da página 28)

tados, alguns vislumbres de elegância e graciosidade, o fenómeno foi provocado pelas reminiscências da gloriosa civilização grega.

Saltemos sobre os séculos. Em literatura, são permitidas as mais tremendas acrobacias... Mumifiquemos a história dos tempos remotos. Intrometamo-nos um tudo-nada na dos séculos mais vizinhos de nós, que corre um pouco de boca em boca, que nos evita a citação de nomes célebres, difíceis de ortografar... Recordemos a delicada e branda gavota, tanto em voga na época doirada dos gibões de veludo e dos punhos de renda. Reviva-se o ambiente, saturado de affectação, do século XVIII, o século de Luís XV, o corrupto e bem-amado, o polichinelo real da pródiga e formosa madame de Pompadour. Cerremos os olhos, para reconstituir, mentalmente, a vida dos salões de então; com os seus gentilhomens libertinos ornados de perucas aneladas, as suas scéias da nobreza de sáias pandas e cinturas estranguladas, as favoritas dos reis rodeadas, turiferadas, pelos cortesãos ambiciosos... A fidalgaria tinha degenerado, arruinava o físico no seu delírio lascivo, enlameava a moral para obter benesses, mas as suas festas, os seus trajos, as suas maneiras, as suas danças, tólas as manifestações exteriores da sua aristocracia, eram impregnadas de elegância, de uma elegância tão voluntariosa que muitas vezes roçava pelo preciosismo. Foi nessa época que atingiu o apogeu da moda o cerimonioso e alambicado minueto...

Depois, pouco a pouco, florescendo um instante, emurchecendo a seguir, como as frágeis rosas de Malherbe, a dança de salão entrou na agonia, uma agonia grotesca que não acabou ainda. A Europa latina, sem uma nesga de amor próprio, desatou a imitar as invenções coreográficas dos polacos, dos húngaros e dos russos. A valsa ondulante, aperaltada, reinou longamente, teve uma vida prolíxa como a de Mathusalem. E ainda há uns trinta anos, um músico ladino, chamado Strauss, que se lembrou de cultivar o género, adquiriu de golpe uma celebridade maior do que a de Wagner, uma celebridade criada, como a de Rodolfo Valentino, pelos arrebatamentos sentimentais das filhas de Eva. A polka, hoémia de origem, teve também a sua aura, disputou, embora sem êxito, a realza invejada da valsa. É uma dança um pouco viva, realizada aos saltinhos, a dois tempos, isto é, a compasso de péndulo. A mazurka, que devia ter colorido e força, dada a sua proveniência polaca, foi sempre acomodaticia e anódina como os políticos conservadores — três tempos, uma intermediária maleável entre a valsa e a polka...

As danças de salão derivaram, dada a sua insignificância, dada a sua insipidez, para os bailes públicos e tornaram-se populares, isto é, perderam o pouco de nobreza bastarda que possuíam. Dos bailes públicos, os empresários, sempre à espreita das predilecções da multidão, elevaram-nas até os tabladros teatraes mas vestidas de roupagens fantasistas, estilizadas, como se diz hoje em gíria pseudo artística. Foi a época endiabrada do cancan, do *cake-walk* e de outras danças mais ou me-



## ROBINSON CRUSÔE

Acaba de se descobrir a casa onde nasceu Robinson Crusoe, o herói verídico de Daniel Defoe, e logo se instituiu um museu de relíquias do famoso naufrago. A nossa gravura representa o desenho do pintor alemão Schulze-Walbaum, que preside à sala de honra do museu

(Foto Orrios)

nos desenvoltas, mais ou menos impúdicas, importadas das selvas africanas e dos rincões americanos onde pulula o negro. A mocidade descuidosa, os estroinos impenitentes até o fim da vida, exultavam diante dessas danças excêntricas, de ritmo selvático, semelhantes à bamboula meneada nos sertões ao som do tam-tam. Paris, que é foco irradiante de tólas as diversões orgiáticas, teve então as suas salas de baile, que eram atraentes e enormes, inundadas de gente viciosa vindo dos quatro cantos do mundo em cata desses celebrados afrodisíacos. Duas dessas salas — a *Bullier*, na margem esquerda do Sena e a *Tabarin*, no coração de Montmartre — tornaram-se mesmo universalmente conhecidas, mais conhecidas do que o museu do Louvre...

As pessoas virtuosas de Paris — algumas houve sempre, por excepção, na cidade doídivanas — escandalizavam-se com a desenvoltura dessas danças que eram, todavia, bem inocentes, se as compararmos com as que fazem hoje o encanto da gente de bom-tom.

A-pesar desta parcimónia na impudicícia, o cancan e as danças congêneres não penetraram nos salões mundanos. Ai, quer em França, quer nos outros países da Europa, continuara a prevalecer a valsa, a polka, a mazurka e as quixotescas contradanças — com os seus *balancés* e *chabnes* de *dames* marcados, a meio da sala, pelo mestre de cerimónias pedante.

Durante muitos anos, os bailados chamados *classicos* limitaram-se aos palcos dos theatros liricos. Os compositores mais ávidos de celebridade não se esqueciam de intercalar alguns nas suas óperas, para gáudio dos amadores de plásticas insimulantes. Raras serão as pessoas que não conservam na retina

a silhueta dessas figuras vaporosas, decotadas das espáduas até à cinta, com os seios tímidos resguardados por frágeis contraças de seda e as saías de gaze, com um palmo de comprido, tufadas e plissadas ao redor. A suprema habilidade dessas borboletas brancas consistia — e consiste ainda hoje — em cabriolar durante uns dez minutos sobre as pontas dos pés. Por causa das tais *pointes*, tão excitantes como os melhores filtros de amor, muitos cavalheiros se arruinaram e se arruinam, fornecendo simultaneamente temas hilariantes aos caricaturistas e autores de *vaudevilles*...

Como um protesto, uma reacção, contra tólas estas mediocridades pretenziosas, surgiram os bailados de Loie Fuller, de Isadora Duncan e da *troupe* maravilhosa constituída por Serge de Diaghileff. Loie Fuller foi uma renovadora audaciosa, mas não mereceu, em rigor, o epíteto de criadora. Todavia, as suas danças espectaculosas, exibidas nos principais theatros do mundo, tiveram o mérito incontestável de despertar no público uma curiosidade, que o tempo tem avivado, pela coreografia fundamentalmente artística. O barão Serge de Diaghileff, falecido há três ou quatro anos, foi o organizador, o impulsionador, o empresário dos célebres *bailados russos*, que a minha amada Lisboa, atrasadinha e tacanha, teve a boa fortuna de admirar. Dificilmente se constituirá um dia uma *troupe* de artistas tão puros, tão perfeitos, com um tão afervorado culto do belo, como a que Diaghileff, com o seu incomparável senso artístico, conseguiu reunir e mostrar à Europa extasiada. Todos os elementos agrupados por esse empresário *sui generis*, que teve imitadores mas não conheceu um só rival digno d'ele, possuíam uma personalidade marcada e eram excepcionais. Mas era tão nobre o seu amor próprio de artistas, tão refinada a sua sensibilidade, seduzia-os de tal maneira a profissão, que todos eles faziam prodígios para que os conjuntos fossem homogêneos e impeccáveis. Quem assistiu aos «bailados russos», maravilhosos bailados interpretativos do pensamento dos mais empolgantes génios musicais, não os esquecerá nunca, como não esquecerá os seus *décors* únicos, devidos aos mestres, mais originaes e expressivos da arte contemporânea.

Isadora Duncan foi, entre os cultores mais característicos, mais talentosos, das artes rítmicas, a figura máxima, a deusa fascinante, aeriforme, com o poder sobrenatural de espiritualisar a dança, de reflectir as mil expressões, as mil intimidades, a alma plena, da música transcendente, da música emotiva e cerebral. Vi-a, na sala monumental do Trocadero, sobre um estrado simples, envolta numa longa *écharpe* de gaze, a desenhar diante do público maravilhado os acordes puros da atormentada *Marcha Fúnebre*, de Schubert... Vi-a, escultural, dominadora, divina, adivinhando, revelando, pelo ritmo do seu corpo, os pensamentos e os instintos de Tchaikowsky, vindo a esperança, a dor, o heroísmo, a alegria, a vitória — tudo quanto está expresso, de belo e grandioso, na imorredoura *Sinfonia Patética*... E como tendo assistido a essa etérea manifestação de beleza — terei eu coragem para me referir aos *fox-trots* e *charlestons*, tão em moda nos tempos que vão correndo?

VÍTOR FALCÃO.

# um migalho de gente...

==  
novéla inédita

— SIM, sou eu...  
— Surpreende-me bastante, confesso...

— Mas felicito-te... É sempre um fim...

— Está bem... irei... Até logo...

Lembro-me, ainda, e já são passados dois anos, dêste diálogo, ao telefone, numa manhã de Fevereiro, chuvosa e triste. Foi, nesse diálogo, que o meu amigo José me anunciou o seu casamento, e pediu a minha comparência, como testemunha, para o acto banal do registo civil.

Porque esta recordação ficou, a viver, no meu espirito, vou contá-la nesta história.

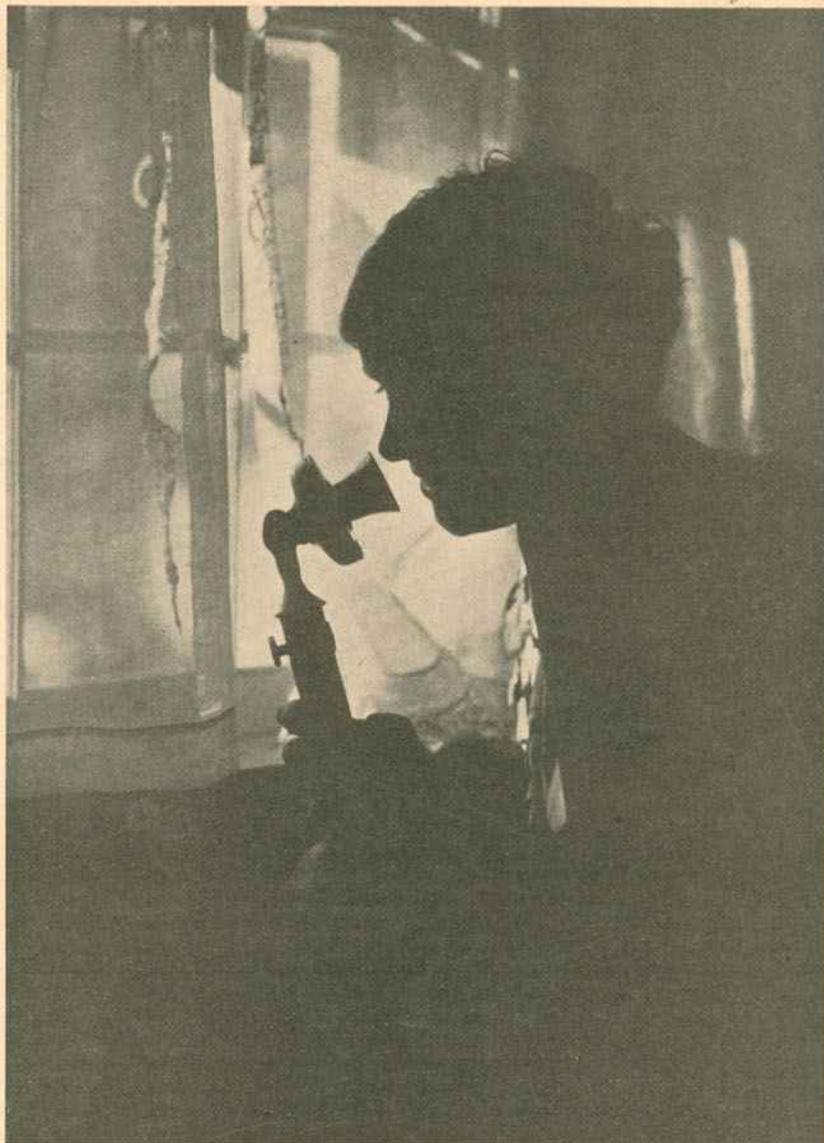
D. José era um velho amigo meu. Aos trinta e cinco anos as rugas da sua cara, a expressão do olhar, eram dum homem viúdo...

A vida não o cansara pelos seus duros embates, nem pelo esforço da luta para alcançar nela o bom lugar. Cansara-o por lhe ter dado, largamente, todos os prazeres. Os prazeres cansam mais do que o trabalho. As rugas dum homem que trabalha são mais vinçadas, talvez, mas tranquilizam a nossa alma, como êstes campos, que vemos, com a terra remexida, sulcada, donde a semente há-de florir.

José viajara por todo o mundo. Últimamente refugiara-se em Lisboa, para—dizia êle— viver de recordações. De cada vez que o encontrava impressionava-me o alheamento a tudo o que o rodeava, a sua apatia.

— Homem, olha que, na vida, precisamos estar sempre na berlinda...

D. José respondia-me, com aquele olhar que mirara já todo o mundo, que nele vira homens de raças diferentes, a desejar e a lutar pelas mesmas coisas...



— Enganas-te, André... A vida não é um jogo de prendas.

— Sim... mas tu és um homem para estar na berlinda, para que todos te vejam...

— Para quê? Prefiro ser espectador... Vê sempre melhor aquele que os outros julgam que não está a ver...

— Que é que tu queres ver, nesta Lisboa, onde, às cinco horas, por essa Baixa, se vêem sempre as mesmas caras?

— Não mudes de conversa...

— Não mudo... Mas, agora, o que te aconselho, é uma paixão nova, que dê retumbância... Para te distraíres, é o melhor...

— Para um homem se apaixonar é preciso andar bem do estômago. Eu ando mal do estômago, e chego-a acreditar que esta viscera é mais importante que o coração. Tu estás a ver, o primeiro rendez-vous numa casa de chá—o pedido, ao criado, da inevitável água das Pedras, para afogar o dōce dos bolos... Um amor, que começa, no meu estômago, por um naufrágio... Não... não... Mas a propósito, porque é que tu não aproveitas o conselho para ti?

— Tu bem sabes que eu nunca fui para

essas coisas... Contentei-me com um amor modesto, que coubesse dentro da minha vida... Mas, tu, que, como tôda a gente sabe, possuiste mulheres estupendas...

— Tira o adjectivo, e, diz, simplesmente, «possuiste mulheres»; é mais rápido, e mais verdadeiro...

— Ora! Não me venhas dizer a mim...

— O quê? Que não são iguais às tuas? Perfeitamente iguais às do amor modesto, como tu dizes... Talvez um pouco diferentes, porque as minhas mulheres estupendas, magaram-me muito mais do que as tuas, estou convencido...

— Olha... se o capítulo aventura já te não interessa, faz uma coisa, casa-te... Escolhe uma rapariga educada, de boas famílias...

— Já sei... O tipo da menina que frequenta os cinemas elegantes com o mesmo propósito com que os lobos descem ao povoado, para encontrar a presa que lhes convém... Ainda, os lobos, têm uma vantagem; quando encontram a presa engolem-na, e tudo se resume numa simples digestão...

— És difícil...

— Sabes, que sempre detestei, o tipo da

rapariga que espera, ansiosa, junto da família, o casamento... Irrita-me, tenho logo vontade de lhe fugir a sete pés...

— Achas melhor o teu isolamento, fechado num hotel, ocioso...

— Querias, talvez, que trabalhasse, se os meus rendimentos me chegam de sobejo para viver...

— Sou teu amigo... Queria ver-te feliz...

— Obrigado... Contenta-te em não me veres infeliz... Porque isto de felicidade, é, talvez, o movimento da vida, uma alegria boje, um desgosto amanhã... É não ter dinheiro, num mês, para comprar um fato... Depois, esperar o outro mês para o comprar, e estreá-lo, com a alma em festa, num domingo que chove... Vir para casa arreliado porque um automóvel nos respingou de lama... Tudo isto deve ser a felicidade... Mas eu, como tu sabes, ando sempre de automóvel, e, quando ha lama respingo os fatos dos outros...

— Ainda te hei-de ver casado, aposto...

— Tu estás doido! Mas que género de mulher pensas tu que eu possa desejar para a minha companhia com um contrato de eternidade, relativa, já se vê... Não... Isso seria uma tolice tão grave, que no dia em que eu te participar o meu casamento, dou-te licença, para, como meu amigo que és, me internares num hospital de doidos...

O José dera-me, pelo telefone, a direcção da sua nova casa na rua Luís Bivar.

Subi a escada, nesse dia, com a minha frase, preparada, pronta a sair da boca, logo depois do abraço protocolar.

— Vim mais cedo do que a hora que tu marcaste... Como me preveniste que no dia em que me annunciasses o teu casamento me davas licença para te internar num hospital de doidos... Lembras-te?

— Lembra-me, — respondeu-me José com um sorriso indulgente, o sorriso que temos quando ouvimos contar a diabrura duma criança.

— Fizeste bem em vir mais cedo... Vou apresentar-te a minha mulher... O casamento é em casa... Como deves compreender, legaliso uma ligação, uma ligação que tenho há três anos, e, que foi, talvez, uma das razões porque fugi das relações antigas, e até dos amigos... Temos um filho, um pequeno de vinte e dois meses... Parece-me que o farci mais feliz se, quando ele fôr homem, puder estinar os pais, que não fugiram cobardemente aos seus deveres...

Quando queremos impôr uma nova personalidade a alguém, que nos conheceram uma outra, bem diferente, há sempre um embaraço, um constrangimento. Quis poupar a José a apresentação dessa nova personagem, que nascera do homem scéptico que elle fôra, e que eu via com prazer, — quanto envelheceríamos neste mundo se não tivéssemos as próprias transformações das nossas almas para nos remoçar...

— Encontrei a mulher que te soube prender...

— Com certeza... Sabes muito bem que não seria capaz de me casar com uma mulher de quem não gostasse...

E José abriu uma porta dum lado da sala, e chamou com doçura: — Natália! Natália!

O nome que elle chamava, arreprou-me os nervos. Quando Natália entrou, senti-os torcidos, como vimes batidos por um vento forte.

Era a mesinha mulher que eu tinha conhecido, havia cinco anos.

Não ficou surpreendido quando me viu; mas o timbre da sua voz e a expressão dos olhos denunciavam-mêdo... Esse mêdo que, com certeza, desde que ouvira o meu nome, havia dias, lhe ia esfarrapando a alma, reflectia-se na sua pessoa fisica. Pareceu-me menos alta, e, aquelle sorriso, que era o seu maior encanto, que começava na boca, para se demorar, depois, esquecido, nos olhos, nunca lho vi, durante o tempo que conversámos os três — o José falando do futuro, eu com o espirito prêso na tormenta do passado...

Um ano, depois de concluir o meu curso de medicina, conheci Natália enfermeira num hospital. O traje do hospital, a blusa branca não conseguia esconder o desenho perfeito, do seu corpo. Esse corpo, todos os que conviviam com ella, o desejavam...

Elle não marcava nenhuma preferéncia, e, por isso mesmo, os pretendentes mantinham-se em boa harmonia.

Uma tarde vi-a num corredor do hospital a falar animadamente com um homem. Essa mulher nunca me tinha dito que gostava de mim, eu nunca lhe tinha dito que gostava dela, mas, o desejo do seu corpo, tinha criado, dentro de mim, este ciúme, sem direitos nem requintes, que é o ciúme, simples, do macho pela fêmea. Parei; não ouvi o que diziam, mas vi que se despediam, beijando-se na boca. Segui o homem, com curiosidade, vi-o entrar para a enfermaria, sentar-se junto duma cama, *começar a sua visita*...

Interroguei uma enfermeira, e soube que aquelle homem era o marido duma rapariga que estava em observação, com *gêlo no ventre*.

Contei, depois, a alguns colegas, aquelle incidente. Tivemos palavras cênicas, com que despiamos a enfermeira, e invejámos a sorte do homem...

Alguns dias passaram. Quando, por acaso, se encontrava Natália, os meus galanteios eram sempre os mesmos; a maneira de ella os acolher, é que me pareceu diferente. Os seus grandes olhos, escuros, já traziam consigo o drama, o drama que depois se desenrolou.

Uma tarde, tinha acabado a visita médica no hospital, e, despiá a blusa, apressado, porque tinha horas marcadas para ir ver um doente, quando uma enfermeira, a mais antiga das nossas enfermeiras, me veiu dizer:

— Doutor, a rapariga que está na enfermaria... que tem estado com *gêlo no ventre*, está muito mal. Torce-se com *dôres*...

— Quando tu não sabes o que se lhe há-de fazer, não serei eu...

— Mesmo por isso... por isso mesmo... O que lhe digo, é que é preciso acudir-lhe imediatamente... Os sintomas são de envenenamento...

Olhei para ella. Diante de mim não foi a

sua figura que eu vi — as faces pálidas, os olhos dum azul gasto — foi Natália, a Natália dos últimos dias, com os seus grandes olhos inquietos...

Dominei-me. Tornei a vestir a blusa, e disse para a enfermeira, martelando as palavras.

— Vamos lá ver isso... Penso que deves ter-te enganado... Trata-se duma peritonite, estou convencido...

Infelizmente, tratava-se dum envenenamento. Cuidei da rapariga como o caso requeria. A enfermeira, junto de mim, insistia:

— Foi o marido, tenho a certeza... É preciso impedir a visita d'êlle... Isto é uma grande responsabilidade para todos nós...

— Bem sei... Não fervas em pouca água... A rapariga salva-se... O caso não volta a repetir-se...

Elle olhou para mim, desconfiada de que eu pudesse afirmar aquilo com segurança.

— Não volta a repetir-se, verás... E, até, mesmo um simples engano...

— O doutor bem sabe que as receitas dos médicos são requisitadas na farmácia do hospital...

— A propósito... Dei uma receita à Natália que quero modificar... Podes fazer o favor de ma ir chamar?

Quando Natália entrou, fechei a porta.

Falei sêcamente, sem interrogar.

— Fôste tu que deste o sublimado à rapariga... Não negues... Tenho provas...

— Sim... Foi eu...

— Cometestes um crime... Um crime mais grave ainda, porque contaste com a tua profissão de enfermeira para encobri-lo... Nunca se deu um caso semelhante, num hospital. As responsabilidades podiam abranger-nos... a todos...

Natália não me respondeu.

— Gostavas do homem dela... Querias o homem só para ti... Eu vi-vocês beijarem-se, lá fora, num corredor...

— É verdade... Gostava d'êlle... Gosto ainda...

— Posso mandar-te prender...

— Não importa... Sei bem a sorte que me espera...

— Ouve, Natália... A sorte que te espera, é esta; arranja um pretexto, despede-te, e não appareças mais aqui... Imediatamente, ouviste?

Elle olhou para mim. Tinha os beiços a tremer; mas foi-se embora sem dizer uma palavra.

«Gostava d'êlle e gosto ainda»... Estas palavras foram, durante muito tempo, o meu tormento. Tinha visto sair, a rapariga, do hospital, feliz, pelo braço do marido. O desejo de destruir aquella vida, em Natália, devia ser o mesmo, ardente e imperioso. Eu, culpado mais do que ella, porque nenhum sentimento me obrigava a calar um crime. Simplesmente, a sua beleza tornara a minha consciência frágil, como um caco de vidro!

(Conclue na página 39)

# LIVROS

Benito Mussolini, o espalhafatoso e conflituoso chefe do *fascio* italiano continua a ser uma das figuras de mais perigoso pitoresco do mundo moderno. O enigma da sua inteligência e da sua moral, a estranha simbiose que nêlo se nota entre o *condottieri* mercenário e o místico de



uma nova mistica, têm preocupado uma multidão de psicólogos e sociólogos, espantados, a trechos, com as suas incongruências políticas entremeadas de rajadas de génio criador e inovador.

Parece, porém, que o melhor, nestas indagações é ater-se cada curioso áquilo que desvenda no próprio indivíduo, através sobretudo da sua obra escrita, se a há. É o que sucede com Mussolini. Ler esta *Amante do Cardeal* preenhe de furores anti-clericais e de saraivadas de diatribes contundentes contra a Igreja Romana, com quem, mais tarde, assina o tratado de Latrão, para logo agredir e dominar pela violência, é seguir o processo psico-patológico do teatral ditador com uma precisão de zoólogo que agüente debaixo da lupa um moscardo zumbidor. É um dos livros mais palpantes da actualidade.

Ora vamos agora ao seu caso, amigo e senhor Gregório Cascalheira, e perdõe que amigo o considere como cirineu desta mesma cruz literária a conduzir ao Calvário. Digame uma coisa, amigo!... Já pensou que lhe foi necessário um trabalho considerável para imaginar e conceber, escrever e drenar o seu romance *E quando as andorinhas voltaram*... Já pensou na sua heroicidade, ao escrever, nesta época de



Gregório Cascalheira

obrinhas curtas e lígacæas, um sólido romance de costumes, psicológico, com sua tese romântica a despontar, e duzentas e trinta páginas cheias, fora a nota final, que, digamos já, é de subido mau gosto? E já pensou também, amigo autor, que não há prosa nem boa intenção, nem léxico, nem sarcasmo crítico (e de tudo tem o seu romance doseado com senso e mérito), que resista ao desenho da capa que o editor lhe brindou, ao aspecto da obra impressa

tal qual ela chegou á venda, etc., etc., etc.?

Pense bem, amigo Cascalheira.

O seu retrato indica uma pessoa moça e vivaz que tem, talvez, prejuízo na estranheza do nome. A sua obra, lida com a serenidade que incumbe ao crítico, tem qualidades amplamente e demonstradas, subtiliza por vezes, sinceridade, limpeza de realização, um pouco

fora de moda no processo, um pouco *crochet* no título. Mas, enfim, se a capa o não proibisse era capaz de se vender e de ser lida. E se o fôsse, o público habituar-se-ia a considerar o autor uma pessoa literariamente estimável. Aproveite o tempo que a sua mocidade

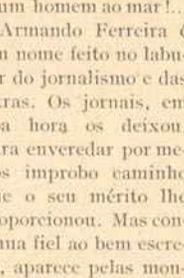


lhe dá e o aviso deste amigo. Fuja das capas desta ordem e das edições deste aspecto, ou é um homem ao mar!... Armando Ferreira é um nome feito no labutar do jornalismo e das letras. Os jornais, em boa hora os deixou, para enveredar por menos improbo caminho que o seu mérito lhe proporcionou. Mas continua fiel ao bem escrever e, de vez em quando, aparece pelas montanhas um novo livro da sua brilhante pena. Este «Contos Escuros» é do melhor que Armando Ferreira tem produzido. A prosa vibra, cheia de energia e de limpidez, quer nas novelas mais humanamente sentidas, quer nas suas pequenas impressões humorísticas, género em que tem marcado um inconfundível lugar. Um belo volume de contos, este «Contos escuros».

O dr. Nuno Simões é, de entre a pleiade de estudiosos e espiritos desempoeirados que, entre nós, valem alguma coisa de sólido, talvez um dos que mais sólido prestígio tem conquistado dentro e fora do país. Como homem público tem uma obra toda de dignidade mental; como jornalista o mais completo esforço em prol do jornalismo moderno feito no nosso país: a malogra



ARMANDO FERREIRA



Maria Amélia Teixeira



Maria Amélia Teixeira

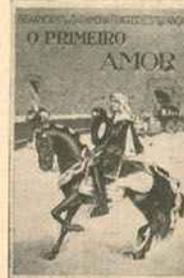


José Forbes Costa

grada «Pátria». Como conferencista e ensaísta anda Nuno Simões a espalhar a rodos o seu talento e a sua cultura vastíssima, porque é uma das características do labor mental deste eminente político a sólida base em que assentam seus raciocínios e suas concepções.

A sua obra mais recente, ainda boa e sólida obra de jornalismo, é a separata à revista «Portugal Exportador», inserindo um seu artigo «As nossas relações económicas com a Inglaterra», que levantou enorme celeuma nos meios intelectuais portugueses e ingleses.

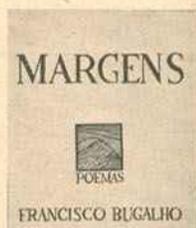
É uma soberba lição de patriotismo, mas patriotismo raciocinado, sereno, definitivo, não rufar de charanga com vivório e foguetes de três respostas. Com a solidez de um grande polemista comenta Nuno Simões um artigo do «African World», em que se preconiza, de manso, com uma assustadora inteligência, a entrada no nosso império colonial para o regime de *território* britânico. A cabala



Francisco Bugalho

fica desfeita, definitivamente, de cima a baixo, sem um lugar comum, sem um velho tópico, sem uma redundância de estilo. É primorosa peça literária e jornalística este artigo, sobre ser uma obra de elevada dignidade que seria necessário difundir rapidamente, profusamente, pelas escolas do país em substituição das várias liturgias escolares que agora se ministram aos rapazes para fazer dêles meninos de côro em vez de portugueses de lei e homens íntegros e completos.

D. Maria Amélia Teixeira tem publicado vários livros de versos a que a crítica generosamente se tem referido em louvores desentranhados. Tem D. Maria Amélia Teixeira jus a muito louvor não só pela persistência com que vem burlando os seus trabalhos poéticos e melhorando, de volume para volume, as suas qualidades, como também porque, como directora da interessante revista «Portugal Feminino», vem sustentando uma interessante pleiade de colaboradoras, a quem dá incentivo, não diremos animador do «bas-bleuismo» nacional, mas certamente interessante sob o ponto de



Francisco Bugalho



de vista da elevação do nível mental feminino no nosso país. Desta vez, a festejada poetisa lança a público um formoso livro de prosa, tendo escolhido o difícil género epistolar. É de elemental justiça confessar que a autora achou, muitas vezes,

um belo equilíbrio e compôs obra muito estimável.

José Forbes Costa assina, com a autoridade dos seus anos e das suas boas obras anteriores, um livro de versos *Amar, sofrer!*, que chegou à 2.<sup>a</sup> edição. É facto este sintomático e demonstrativo do favor que o público dispensou ao poeta, por outro lado gosando de aval do dr. Brito Camacho, eminente escritor, uma opinião elogiosa, que vem impressa por fora do volume. É difícil ao crítico falar, depois disto, com inteira liberdade. A índole poética do sr. Forbes Costa está um pouco afastada da sensibilidade actual, mas na técnica se adivinha uma experiência digna do autor laureado de *A reforma do exército e os alunos militares*, *Pela capital*, etc., que foram anteriores obras do respeitável escritor.

Faltava na nossa bibliografia um romance taurino. Ei-lo. Assina-o um nome conhecido nos nossos meios intelectuais e mundanos, o sr. D. José Manuel Barahona, de alta linha-gem alentejana.

Apaixonado da *festa dos toiros*, o autor enquadrou em episódios mais ou menos românticos, e, digamos de passagem, demasiadamente ingénuos de processos técnicos, algumas scenas empolgantes, com bois, cavalos, praças e toureiros valentes. Está o autor, como entendido aficionado, habilitado a bem saltar dificuldades de tal género. Por isso *O primeiro amor* deve ter leitores, tanto mais que Duarte de Almeida ornou a edição com soberbos desenhos.

Não se pode dizer que Francisco Bugalho fôsse muito favorecido pelo apelido com a tendência que tem a versejar. Mas a verdade é que se não trata de um poeta desses que aparecem aí pelas montras como brotoeja daminha. O autor das *Margens* é,

na verdade, um poeta interessante; demasiadamente cerebral, talvez, apaixonado por umas *ravidades* que há de, mais tarde, desdenhar, mas cheio de grandes qualidades.

Mais versos. Outro poeta que o nome não ajuda, pese ao seu perfume acre a florinha selvática. Mas o autor de *De Betânia ao Golgotha* já não pode gabar-se de qualidades semelhantes às de Francisco Bugalho. Que o seu livro seja de todo mau, não!... Mas deu-lhe uma veneta de navegar no mar dos símbolos e do «grandioso», que o traz à beirinha do ridículo, se é que, de vez em quando, lhe não escorrega um pé... Depois, há temas que, na nossa época, não resistem já. O sr. Santos Cravina deve compreendê-lo e, a não ser que a idade lhe dê ainda verdores demasiados, deve tomar, desde já, emenda e novo ritmo...

Prosa também a compõem os poetas e como poetas. E, dentro das fórmulas do bem escrever, encontram sempre meio de fazer poesia da melhor, da mais bela, da mais alta. É o caso do apaixonado artista eborense Celestino David, um ferradeiro romântico, ao compôr o livro delicioso para crianças a que chamou *O meu país de maravilhas*. Lendas, velhos mitos, velhas histórias, a saúde dos tempos idos, as pedras vetustas que choram de dor, o céu alentejano, imenso e poderoso a cobrir a paisagem sem fim, aguçada de outra saúde, tudo desfila, conduzido por mão de mestre e de grande poeta, neste livro admirável. Não cabe mais beleza numa obra para crianças e para crescidos...

Adolfo Rocha não é um novato nas letras. Se a memória nos não falha, a mimáma, Adolfo Rocha foi um dos baluartes do grupo «Presença», ao parecer dissolvido e que deixou uma obra notavelmente corajosa e nobre de renovação de processos literários nestes últimos tempos da decadência mental e moral da nossa terra. Então, como hoje, Adolfo Rocha revelou sempre, nas suas obras, uma poderosa individualidade. Artista perfeito? Não. Mas artista de uma personalidade marcada, forte, talvez forte demais para quem precisa, sem contacto com as realidades estranhas, de pulir a sua forma e ganhar ductibilidade e perfeição.

Embora não fique nesta secção absolutamente justificada, desejo fazer uma referência elogiosa sem favor à *Carta quilométrica de turismo em Portugal*, que o nosso colega *O Volante*, a grande revista do automobilismo português, nos ofereceu, depois de a lançar no mercado com o maior êxito. Superior a todas as edições de cartas de turismo pela clareza e actualização, é esta publicação uma corôa de glória a juntar à obra já considerável de A. Campos Júnior, nosso estimado camarada e director insigne daquela revista excelente.



## UM MIGALHO DE GENTE...

(Conclusão da página 37)

Um raio de sol aclarava o azul forte do tapete da sala... José continuava a falar... Eu e Natália respondíamos...

Havia uma doçura, uma serenidade, nas palavras simples que trocávamos...

Ela ilude-se com este ambiente de tranquilidade—pensava eu—e sentia, dentro de mim, crescer um ódio por aquela mulher que, pela segunda vez, obrigava a minha consciência a hesitar.

Na ignorância de certos factos há sempre um pedaço de felicidade, e é muito raro nós sabermos agradecer a quem nos vem roubar esse pedaço... Se se tratasse dum passado de amor—José não devia ignorar parte do passado de Natália—o meu dever era calar-me.

Dêsse passado, o que eu tinha a certeza que José ignorava, eram os acontecimentos decorridos no hospital, essa dolorosa aventura que definia e classificava o carácter de Natália. «Digo-lhe, a esse respeito, toda a verdade, e ele, depois, fará o que entender». O meu espírito fixou-se nesta resolução e, atento, agudo, começou a querer encontrar uma maneira de afastar Natália da sala.

Para a tranquilizar, para vincar a benevolência dos meus pensamentos, alvitrei:

—Vocês, agora, depois do casamento, deviam ir fazer uma viagem...

Ela agradeceu-me com o sorriso nos olhos. José repeliu o meu alvitre.

—Mais tarde... Temos o pequeno muito novito, ainda...

Ele próprio, desfez a minha ansiedade, avisando Natália.

—São horas de te ires vestir... Quero uma noiva bonita, ouv'is?

Estas palavras, a maneira de as dizer, tudo o que eu já observara, o amor que José dedicava àquela mulher, advertiram-me do mal que eu lhe ia fazer. Por uns segundos hesi-

tei, como quando vou fazer uma operação cirúrgica sem ter a certeza de ir salvar o doente.

Uns segundos...

—Olha, José... Quero dizer-te uma coisa que me peza, cá dentro...

—Dize lá... Sou todo ouvidos... Mas, antes de ouvir as tuas confidências vou ver o que é que o meu filho tem... Já há boçado que o ouço chorar...

Natália entrou com o filho ao colo.

—Sabes, José? Acho o pequeno quente... Parece-me que tem febre.

—Talvez não... mas não te assustes... Temos aqui um médico para o tratar...

Natália que tinha sido sempre uma silenciosa, dizendo só as palavras necessárias, foi longa, a contar os males do pequeno José. Ansiosa, sondava o meu pensamento, inquieta por quebrar a atitude impenetrável, que é a atitude do médico junto do doente. Tranquilizei-a, convencido.

—O vosso filho é um rapagão saudável!

Vi a cara dela iluminar-se de alegria, como se eu, com as minhas palavras, lhe tivesse dado o mundo inteiro.

Depois...

Para dizer ao José «o que me pezava cá dentro», precisava ver a Natália do passado, a mulher que eu tinha conhecido enfermeira num hospital. Quis vê-la... Não a vi. Vi uma mãe com um filho ao colo.

O casamento realizou-se. Agora, quando vejo o pequeno José, um migalho de gente, penso: fôste tu, que ainda não sabes falar, compôr frases, mentir como a gente grande, tu para quem a vida se resume numa materialidade vã, que me obrigaste a calar.

Vejo-te, pequeno como és, forte e criador, porque fizeste da fraca alma duma mulher uma alma de mãe. OLGA ALVES GUERRA.

## O ELOGIO

*O doente (num hospital de idosos):*  
— Gostamos mais do sr. dr. do que do outro médico que cá estava.

*O novo médico (lisongeador):*— Então porquê?

*O doente:*— É assim cá mais parecido conosco.

\*\*\*

— Olhe, mulherzinha, não me peça nunca esmola na rua.

— Onde mora o senhor?

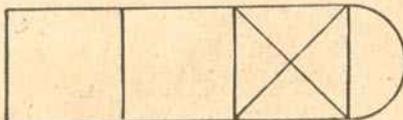
— Vêja no *Anuário Comercial*.

\*\*\*

## O JOGO DO HOMEM

(Passatempo)

A alguém, que estava vendo uns rapazes jogarem o antigo e sempre popular "Jogo do Homem", vem-lhe de repente à ideia se aquela figura traçada no chão, se poderia desenhá-lo de um só traço continuo. Por curiosidade, experimentou, depois, faze-lo, concluindo que era possível e até nada difícil.



Querem os nossos leitores tentar a experiência, desenhando uma figura igual à que lhes apresentamos aqui, sem levantar o lapis do papel nem passar duas vezes pelo mesmo risco?

A linha curva não se usa em geral, no jogo, mas assim é que os ditos rapazes tinham traçado a figura e por isso a reproduzimos tal qual.

\*\*\*

Quando Raquel, que depois veio a ser uma celebridade da arte dramática francesa, tendo sido admitida no Conservatório, foi pedir lições de dicção a Provost, já então actor de grande nome, este disse-lhe, para a desanimar:

— Vá antes vender raminhos de flores, minha filha.

Escusado será dizer que a futura grande trágica se retirou desgostosa.

Mais tarde, acabava ela de representar *Hermione*. Fora aplaudida com entusiasmo e repetidas vezes chamada à cena. Descido o pano, enchen a sua túnica grega com as flores que atapetavam o palco e aproximando-se daquele que outrora lhe aconsel-

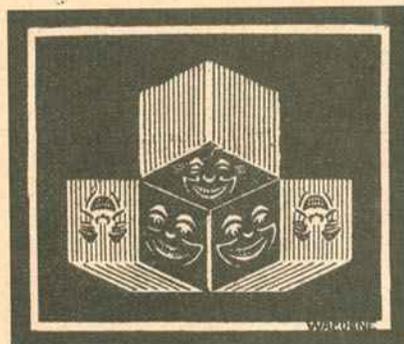
## A EMPREGADA DA LOJA DE MODAS

— É soberbo, madame, é tudo quanto ha de mais *chic*! A madame nem parecia a mesma, sem esse chapéu na cabeça!

(Do Punch).

## ILUSÃO DE OPTICA

Fixando por uns segundos, os três pedaços negros centrais da gravura, tão depressa eles se destacam à nossa vista, formando um perfeito



cubo, como logo nos dão o efeito de fazerem parte doutros três cubos (claros êsses), tendo o de cima a parte inferior escura e cada um dos outros, uma parte lateral, igualmente escura.

\*\*\*

*Ela:*— Deixa-me! Que maçador! Estás tão pegajoso, há um tempo para cá!...

*Ele:*— Ó filha, admiras-te? Bem sabes que vou no quinto frasco de *Cola* que o médico receitou, para alternar com as pastilhas de goma arábica.

lhara a ir vender raminhos disse-lhe com graciosa *coqueterie*:

— Segui o seu conselho; vendo flores, quer-mas comprar?



## ANEDOTAS

### JOÃO SINHO NÃO PERCEBE

Joãozinho vai visitar a sua professora e, distraído, entra na sala com o chapéu na cabeça.

— Então! e o chapéu? — exclamou severamente a mestra.

Joãozinho leva as mãos ao chapéu, julgando tel-o perdido, e diz muito contente:

— Está aqui, na cabeça, minha senhora!

\*\*\*

### EXPLICAÇÃO CUSTOSA

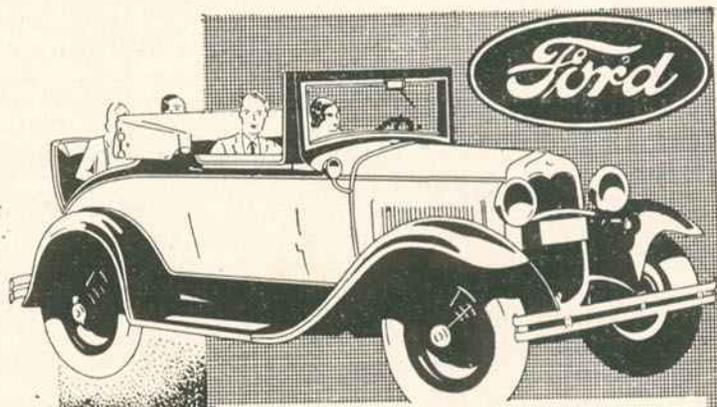
*O cliente:*— Esta sua conta é exorbitante. Tem mesmo várias parcelas que eu não entendo.

*O advogado:*— Estou pronto a explicar-lhas, mas previno-o de que essa explicação lhe custará sete escudos e cinquenta centavos.



?

# O BOM CAMINHO



Que diria se lhe aconselhassem a inverter tempo e esforço provando vários caminhos, quando outras pessoas encontraram já o mais curto, o mais fácil e agradável, ou seja... O VERDADERIO CAMINHO?

De cada três proprietários de automóveis que existem no mundo, de tôdas as marcas em conjunto, quasi dois são proprietários de FORD. Isto foi antes e segue sendo agora; a prova está na produção FORD que, em Abril, atingiu os VINTE MILHÕES.

A contínua experiência da grande maioria não pode ser equivocada. Esta decisão há-de ter suficiente justificação em todos os aspectos que esteja estudando para decidir-se pela compra do seu carro. Estes milhões de automobilistas constituindo a enorme maioria, devem ter tido, por certo, as mesmas apreensões e as mesmas dúvidas que o senhor, porém encontraram a feliz solução, o verdadeiro caminho, comprando FORD.

Não cre preferível aproveitar-se de tão fundamentada experiência, em vez de intentar provas custosas pelo seu próprio risco?



*Ford Motor Iberica*  
BARCELONA

LINCOLN  Fordson

MONOPLANO 241MOTOR

Roadster .....	Ese, 20.500\$
Facón .....	" 21.100\$
Sedan duas portas .....	" 22.200\$
Cabriolet .....	" 24.800\$

Preços FOB Lisboa, sendo à parte os gastos de transporte de Lisboa ao ponto final de destino,

# UM PROGRESSO JUSTIFICADO



Em 1901 estabeleceu-se em Lisboa, na Rua da Princesa—hoje Rua dos Fanqueiros—um escritório com 4 empregados.

Trinta anos depois, essa pequena organização tinha escritórios em quasi tôdas as capitais de distrito, com 1.100 empregados ocupados no negocio de Portugal, dos quais mais de 1.050 são portugueses



É a Vacuum de hoje—a Companhia que se orgulha de haver contribuido para o desenvolvimento do automobilismo em Portugal, por ter sido quem sinalizou as estradas de turismo do país; quem tornou conhecidas as bombas auto-medidoras de gasolina, isentas de perigo; quem levou às mais pequenas e afastadas aldeias a possibilidade de se obter ali os produtos Vacuum conhecidos em todo o mundo.

# VACUUM OIL CO.